II Série — Ano I — N.º 19
Sábado, 22 de Maio de 1948

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. MENDES (CEREJO)

CHEFE DA REDACÇÃO:
MANUEL ALPIARÇA

PREÇO 1$00

Redacção e Administração:
R. Gomes Freire, 30-2.º-Lisboa
Telefone 43 168

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

A BATALHA DOS NOSSOS DIAS

É cedo ainda para se fazer a história desta primeira metade do século em que vivemos. É cedo. Mas quem não vê desde já que, se a Europa ocidental não caiu nas malhas do comunismo, o deve aos movimentos sociais cristãos que, desde Leão XIII, se desenvolveram, sempre de cada vez mais, nos diferentes países?

Vinte e dois anos de fascismo na Itália, isto é, vinte e dois anos de luta feroz contra o comunismo, gerou naquele país cristão o maior partido comunista de todo o mundo depois do da U.R.S.S. E ninguém pode dizer que o fascismo italiano não tenha promovido o progresso material da Itália. O mesmo poderíamos afirmar da Alemanha, onde os partidos comunistas talvez tenham menor virulência externa precisamente porque a Alemanha não é ainda uma nação livre.

Donde provém este fenómeno de os regimes anti-comunistas de género fascista terem gerado precisamente aquilo que vieram combater?

A razão é evidente. Confiaram apenas nas forças materiais para vencer uma ideologia que ultrapassa essas mesmas forças. O comunismo, apesar de ser materialista e ateu, invade a própria alma dos seus adeptos e atinge a seus olhos, proporções místicas e religiosas dum ideal transcendente. O mesmo quis fazer o fascismo, divinizando o Estado e dando-lhe poderes espirituais. Mas a força dum deus-nação não pode medir-se com a força imensamente superior dum deus-humanidade.

O comunismo só pode ser ultrapassado, e, portanto, vencido por um ideal maior do que o deles. E esse ideal é Cristão.

Cristo venceu o diabo: «confiai, eu venci o mundo»! Só Ele poderá vencer ainda hoje o fermento de Satanaz e a glória diabólica daquela tremenda doutrina.

Haveremos de confiar em outras armas e outros meios?

Com o nome de comunismo ou com outro nome, é sempre o mesmo anti-Cristo a seduzir as multidões e a arrastá-las para o ódio.

Acreditar na possibilidade de outras armas que não sejam o Evangelho de Cristo na sua virginal pureza é deixar o campo livre aos assaltos ideológicos dos anti-Cristianismo.

Não será precisamente isso que andamos fazendo, iludindo-nos a nós próprios?

ABEL VARZIM

AOS CATÓLICOS DO NOSSO TEMPO

«IGNARA, CAUTELOSA, ESQUIVA INDIFERENÇA...»

(PIO XII)

Passou-se, há dias, o 57.º aniversário da publicação da encíclica de Leão XIII sobre a condição dos operários. Cinquenta e sete anos passados é tempo suficiente para examinar o que fizemos nós, cristãos, desses ensinamentos.

Para um católico, as instruções do Santo Padre são ordens e não conselhos. A medida do nosso catolicismo pode avaliar-se pelo respeito que temos ao Evangelho e às directivas daqueles que, neste mundo, são os continuadores da própria autoridade de Cristo: «Tudo o que ligares na terra será ligado no Céu: e tudo o que aqui desligares também lá será desligado».

Pois se vamos medir o nosso catolicismo pelo caso que fizemos da encíclica *Rerum Novarum* e das outras que se lhe seguiram, bem pouco airoso será o juízo que havemos a formular a nosso próprio respeito.

Pio XI, há 11 anos, na encíclica sobre o comunismo, não pôde, com efeito, escrever estas palavras severas: «Triste é dizê-lo, mas é verdade que o modo de proceder de muitos católicos contribuiu para abalar a confiança da classe operária na religião de Nosso Senhor Jesus Cristo»?

O mesmo Pontífice dirigindo-se, na *Quadragesimo Anno* (há 17 anos!) aos católicos que se ocupam dos problemas sociais, escreveu: «A vós o merecido louvor, a todos esses valorosos colaboradores na mesma grande empresa, clérigos ou leigos, que Nós com tanto prazer vemos dedicarem-se generosamente Connosco à solução dos problemas sociais, na medida em que a Igreja, por força da sua divina instituição tem o direito e o dever de se ocupar deles. A todos esses instantemente exortamos no Senhor que não se poupem a trabalhos, nem se deixem vencer das dificuldades, mas cada vez cobrem mais ânimo e sejam mais fortes».

Mais ânimo, mais fortaleza, para quê?

Disse-o o actual Pontífice num discurso aos trabalhadores (13 de Junho de 1943): «Vós certamente não ignorais que a Igreja vos ama enternecidamente com ardor e afecto maternal que não são de hoje, e que com vivo sentido da realidade das coisas examinou as questões que vos tocam mais de perto; os Nossos Predecessores e Nós mesmo, com repetidas doutrinações, não perdemos ocasião alguma para fazer compreender a todos as vossas necessidades e exigências pessoais e familiares. Pois bem, por mais louvável que sejam diversas providências e concessões dos poderes públicos e o sentimento humano e generoso que anima não poucos patrões, quem poderá assegurar e defender que tais propósitos se realizam por toda a parte?»

Foi sempre esta a doutrinação de Leão XIII, e de Pio XI, impondo aos católicos a obrigação de realizarem, na vida de cada dia, os princípios cristãos da justiça social e da fraternidade universal.

Cinquenta e sete anos depois, temos a consciência em paz?

Quanto, por esse mundo, se tem lutado para fazer calar a voz destes grandes mestres da Verdade!!

Teremos sido coniventes nesta batalha?

«Não deixeis, escreve Pio XII, no Cinquentenário da «Rerum Novarum», que em meio de vós se apaque nem afrouxe a voz insistente dos dois Papas das encíclicas sociais, que altamente aponta a quantos crêem na regeneração sobrenatural da humanidade o dever moral de cooperarem para a organização da sociedade, e especialmente da vida económica, estimulando o agir não menos os que participam desta vida, que o mesmo Estado. Não é este um sagrado dever para todo o cristão? Não vos desalentem as dificuldades externas, nem vos desanime o obstáculo do paganismo crescente da vida pública. (...) Mas vós, conscientes e convencidos de tal e tão sagrada responsabilidade não vos contenteis nunca, no fundo da vossa alma, com aquela geral mediocridade pública, na qual o comum dos homens não pode, senão à força de actos heróicos de virtude, observar os divinos preceitos, sempre e em todas as circunstâncias invioláveis».

Não deixeis que se apague a voz dos dois Pontífices!... Não deixeis? Porventura não teremos sido nós mesmos a fazê-la apagar no meio de nós?

Mas o actual Pontífice vai muito mais além nas exigências à nossa consciência cristã. Será bom recordá-lo hoje novamente:

«Guardai a nobre chama do espírito social fraterno, ateado há meio século nos corações de vossos pais, pelo facho luminoso e iluminante da palavra de Leão XIII; não deixeis nem consintais que lhe falte o alimento, e morra apagada por uma ignara, cautelosa, esquiva indiferença para com as necessidades dos mais pobres de nossos irmãos, ou revolta no pó e no lodo pelo turbilhão do espírito anti-cristão ou não cristão.

«Alimentai esta chama, espevitai-a, erguei-a, dilatai-a; levai-a a toda a parte onde ouvis um gemido de aflição, um lamento de miséria, um grito de dor; inflamai-a continuamente com o fogo do amor que ireis buscar ao coração do Redendor divino...». (50.º Aniv. da R. N. — 1-6-941).

Os apelos, as intimações de Pio XII irão também cair no esquecimento, na «ignara, cautelosa, esquiva indiferença»?

Serão palavras mortas, frases sem sentido, as aflitivas súplicas do nosso Supremo Pastor ao pedir que não consintamos que a sua voz se perca na pobreza dos nossos corações em que não arde porventura a chama do amor fraterno?

Não é deste amor que precisa hoje exactamente o mundo para se salvar?

«Faz-se hoje, escreve Pio XI, na encíclica sobre o comunismo, por toda a parte angustioso apelo às forças morais e espirituais; e com razão, porque o mal que se deve combater é, primeiro que tudo, na sua verdadeira origem, mal de natureza espiritual; e de ideias corrompidas deriva também, com lógica diabólica, toda a monstruosidade do comunismo.

«Ora entre as forças morais e religiosas, sem controvérsia, acima de todas eleva-se a Igreja católica; e por isso o próprio bem da Humanidade exige que se não levantem obstáculos à sua actividade. Se se procede de outro modo, e pretende ao mesmo tempo alcançar, com meios puramente económicos e políticos, o mesmo fim, cai-se noutro erro igualmente perigoso. (...) Confiamos que aqueles que governam as nações, por pouco que observem o externo perigo que ameaça hoje a todos os povos, cada vez sentirão mais vivo o desejo de não impedir a Igreja no cumprimento da sua missão».

Não tenhamos ilusões. O problema social é um problema humano com dois aspectos como todos os problemas humanos: um material, outro espiritual. Mas nenhum deles pode ser resolvido sem a transformação das consciências.

Não queremos mais nada senão a possibilidade de encarar os problemas e apontar-lhe a solução imposta pela nossa Fé.

É o apelo de Cristo feito ao nosso tempo pela voz unânime dos Seus Delegados no meio de nós. «Chegou a grande hora da consciência cristã», disse há dias Pio XII!

Iremos calar a voz da nossa consciência?

Por nós, não queremos pôr a nossa doutrina em leilão. Por nós, cumpriremos o nosso dever.

Quem nos quer ajudar a sacudir do meio de nós a vergonha do nosso silêncio?

OS NOSSOS INQUÉRITOS

DENTRO EM BREVE, DAREMOS AOS NOSSOS LEITORES OS RESULTADOS DO NOSSO INQUÉRITO SOBRE «O TRABALHADOR».

ESTAMOS VERDADEIRAMENTE CONTENTES COM OS RESULTADOS OBTIDOS.

COMOVIDAMENTE AGRADECEMOS A TODOS OS QUE COLABORARAM CONNOSCO NESTA INVESTIGAÇÃO SOBRE O CAMINHO A SEGUIR.

TAMBÉM COMEÇAMOS HOJE A PUBLICAR OS PRÉMIOS QUE VAMOS CONCEDER AOS NOSSOS LEITORES E LEITORAS QUE RESPONDEREM AO INQUÉRITO SOBRE O FUTURO DA MULHER.

A) — UM APARELHO DE TELEFONIA (tipo popular)

B) — UM ESPLÊNDIDO CANDEEIRO DE SECRETÁRIA

C — VÁRIAS COLECÇÕES DE LIVROS PARA CULTURA POPULAR

D) — UMA MODERNA MÁQUINA FOTOGRÁFICA

E) — UM FERRO ELÉCTRICO DE ENGOMAR

F) — UM MAGNÍFICO RELÓGIO DE PULSO, etc., etc., etc.

NO PRÓXIMO NÚMERO DAREMOS A LISTA COMPLETA DOS OUTROS PRÉMIOS.

RESPONDAM AO NOSSO INQUÉRITO, PARA MAIOR BEM DA FAMÍLIA OPERÁRIA!

© Todos os direitos reservados

CURSOS DE O «TRABALHADOR»

Sob o título «Aprendamos Contabilidade», *iniciamos no presente número um Curso de* Contabilidade, *que o nosso dedicado colaborador Dias Neves se ofereceu para dirigir.*

Brevemente daremos também início a um Curso sobre Electricidade *e ainda a outro, dirigido pelo nosso distinto colaborador Dr. Abel Varzim, que a ele se refere noutro local, sobre* Doutrinas Sociais.

Fazêmo-lo no intuito de servir os nossos leitores e os trabalhadores portugueses em geral, proporcionando-lhes um meio fácil de aumentarem a sua cultura profissional e geral, bases indispensáveis da dignificação operária.

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

O Brasil restituiu a Portugal a colecção valiosa de documentos militares que é o arquivo do Conde de Lippe, que desde 1807 se encontrava no Rio de Janeiro.

— A França vai comprar a Portugal um milhão de litros de vinho.

— Seguiu para os Estados Unidos o navio-escola «Sagres» com os novos cadetes da Armada.

— O sr. Ministro do Interior visitou Santarém, Tomar, Entroncamento e Rio Maior, onde presidiu à inauguração de vários melhoramentos.

— O Albergue de Beja adquiriu para sua séde um edifício no valor de 600 contos, com a comparticipação do Estado.

— Vão realizar-se concursos na Junta Autónoma das Estradas para a adjudicação de empreitadas para a construção de uma ponte no distrito de Viseu e outra no distrito de Setúbal, num total de 3 mil contos.

— A Câmara Municipal de Trancoso foi autorizada a fazer um empréstimo de 1.900 contos, na Caixa Geral dos Depósitos, para execução de várias obras.

Ardeu, em Lisboa, o edifício da fábrica de Bolachas Brasil, Ld.ª. Deu ocasião ao incêndio a explosão de um forno, por imprevidência de quem procedeu à renovação do óleo.

Os prejuízos elevam-se a 6 mil contos.

— A fábrica de destilação de álcool, em Paialvo, sofreu violento incêndio, no qual perderam a vida dois operários, ficando outro ferido em estado grave.

— Os trabalhadores portugueses têm agora em Espanha o mesmo tratamento concedido aos espanhois, sendo dispensados do cartão de identidade exigido aos estrangeiros.

O tempo continua mais ou menos chuvoso e frio e de trovoadas em alguns pontos do país, embora sem gravidade. Todavia o ano agrícola apresenta-se bom.

DO ESTRANGEIRO

Os judeus proclamaram o Estado Judaico, cuja capital é Telavive, e já está constituindo o governo provisório.

— O Estado de Israel pediu a sua admissão na O. N. U. e declarou estar garantida a segurança dos Lugares Santos.

— Os exércitos egípcios invadem a Palestina «em guerra santa contra um inimigo poderoso» — afirmou o subsecretário do Interior do Governo do Egipto.

— Tropas do Irão e do Iraque colaboram na luta contra os israelitas.

— O governo provisório do Estado Judaico fez um apelo a todos os cidadãos judeus para que se reunam em volta dele «na hora da suprema prova».

— Por outro lado, em Bagdad, o povo confia na vitória dos árabes, embora prevejam que a luta venha a ser demorada e terrível.

— As instalações do porto de Telavive foram destruídas pelos árabes. Não apareceu ainda a aviação judaica.

— O Estado Judaico pediu às nações pertencentes à O. N. U. o seu reconhecimento.

— A América do Norte reconheceu o Estado Judaico, «na suposição de que a Rússia se preparava para procurar o apoio do mundo judaico, sendo a primeira grande potência a reconhecer o novo Estado».

A Inglaterra e a França não o reconhecerão por enquanto.

— A Rádio de Moscovo anunciou que a Rússia reconheceu o Governo de Israel.

— Os Estados árabes pediram à O. N. U. «a criação de um Estado Unitário Árabe na Palestina como solução para o problema».

— Os partidários da partilha da Palestina, que fazem parte da O. N. U., pretendem que se faça a divisão da Terra Santa em Estados árabe e judaico.

— Defende-se a ideia de internacionalizar a cidade de Jerusalém, como se prevê no relatório da Comissão das Nações Unidas.

— Os Estados Unidos propuseram ao Conselho de Segurança que mande cessar o conflito entre judeus e árabes.

— O conde Bernardotte é o indicado Alto-Comissário da O.N.U. para a Palestina.

— A Emissora de Moscovo revelou que a América do Norte, por intermédio do seu embaixador, manifestara o desejo de melhorarem as relações entre os dois países.

— O Presidente dos Estados Unidos esclareceu a troca de impressões entre o embaixador Smith e o ministro dos Estrangeiros russo, Molotov, dizendo: «é da maior importância que não haja qualquer confusão no espírito dos dirigentes soviéticos que pudesse prestar-se a interpretações erróneas».

Depois acrescentou: «a nossa política internacional, definida durante os últimos meses e com o apoio da maioria do povo americano, continuará a ser seguida, embora sem qualquer intenção hostil ou agressiva em relação à Rússia».

— Truman disse que não aumentaram as suas esperanças de paz com a troca de notas diplomáticas entre Smith e Molotov, porque as divergências fundamentais entre os dois países continuam sem alteração.

— «A União soviética pretende ligar os países que domina, num bloco económico compacto que pode ser utilizado em futuras agressões e de propaganda do comunismo internacional» — declarou Allen, subsecretário dos Estrangeiros americano.

— A Delegação soviética da O. N. U. passou a ser chefiada por Malik em substituição de Gromyko.

— «Os povos estão cansados de proclamações pacíficas, a que não se segue qualquer proposta construtiva» — afirmou o presidente da República francesa, no seu recente discurso em Macon.

— A América fez experiências com três novos modelos de armas atómicas, com resultados satisfatórios.

— Montgomery advertiu os ingleses de que devem estar preparados para enfrentar ltodas as eventualidades, e acrescentou que «é na força que está a base da paz e da guerra».

— A Espanha e a Inglaterra estudam propostas para um acordo comercial.

— Foi eleito presidente da República italiana Luigi Einaudi, de 74 anos, um dos mais distintos economistas da Europa e que foi ministro das Finanças no gabinete de De Gasperi, em que revelou grandes qualidades administrativas. Filiado no partido liberal, ao ser-lhe comunicada a eleição, disse: «seja feita a vontade de Deus!»

— Spaak, chefe do Governo belga, retirou o pedido de demissão, visto os socialistas terem chegado a acordo com o Partido Social-Cristão sobre a questão das escolas.

— Faleceu, de um ataque cardíaco, o Padre Flanagan, o criador da «Cidade dos Rapazes» na América do Norte, que tantos milhares de jovens educou e em cuja actividade se basearam alguns filmes de sucesso: «Homens de amanhã» e «Alarme na Cidade dos rapazes».

— Num desastre de avião, na viagem de Durban para Johannesburg, morreram 10 pessoas.

— No Congo Belga, um avião da Sabena caiu no solo, perecendo 30 passageiros e tripulantes.

— Afirma-se que foi descoberto um tratamento eficaz contra o cancro, pelo Dr. Botelho, do Rio de Janeiro. O Professor Hartmann fez uma comunicação à Academia de Medicina de Paris sobre os resultados obtidos por aquele médico brasileiro, seu aluno.

Planalto

A GRANDE TRAGÉDIA DO NOSSO TEMPO

Li, ainda há poucas horas, algumas palavras de determinada alta personalidade francesa, dignas de lhes dedicarmos, todos, dois ou três minutos de reflexão. Referiam-se elas a que a grande tragédia do nosso tempo está na apatia, na falta de reacção de milhões de pessoas submetidas a uma vida cheia de pesadíssimos sofrimentos. E, acrescentava o autor que estamos citando, essas pessoas indignam-se, se lhes dizem que não se devem deixar abater pelo desânimo, pelo desespero, pela tristeza pessimista, e devem, pelo contrário, encher-se de esperança.

Tem razão o nosso autor—a maior tragédia do nosso tempo é talvez esta tristeza pessimista, o «deixa-correr» que se apoderou de quase todos nós. Realmente, o mundo actual, a marcha das coisas nos últimos anos, as grandes desilusões do após-guerra não favorecem e não facilitam muito a alegria e a esperança. Mas quem disse que alegrar-se ou viver em esperança era coisa fácil? A alegria não é satisfação e a esperança não consiste em estar-se sempre à espera que suceda isto ou aquilo; há alegria quando a alma é livre, e se sabe estar-se a cumprir o dever, e assim, a alegria não exclui a dor ou o sofrimento. Há esperança quando se mantém na vida uma atitude de confiança.

E, feito um esforço para reagirmos, para confiarmos, para esperarmos, para não nos deixarmos dominar pela tristeza, vemos por esse mundo além, muitos e muitos homens e mulheres, remando constantemente contra a maré, ajudando a erguer pequenas comunidades que não se medirão em número com as fileiras cerradas dos exércitos dos impérios, mas possuem um valor de ordem muito diferente e muito superior. Ainda há dias, morreu o Padre Flanagan, obreiro da «Cidade dos Rapazes» americana (em Portugal e na Itália pelo menos, também existem já cidades dos rapazes, iniciativas de um padre português e de um italiano)... Em França, Marcel Barbu continua a dirigir a sua comunidade de trabalho e está continua a ser um exemplo a pedir que o imitem: como podem ter visto há alguns dias nesta secção, em Itália um prémio da ocasião a conhecerem-se algumas vidas extraordinárias pela dedicação ao próximo, e quantas não haverá, desconhecidas, por esse mundo! Na América, o movimento cooperativo faz nascer a consciência de solidariedade e do dever do serviço mútuo em muita gente. Por toda a parte, há homens e mulheres trabalhando, lutando, na agricultura, na indústria, no comércio, nas cooperativas, nos sindicatos, nas comunidades de trabalho e de vizinhança, nas escolas, pelo aperfeiçoamento total do homem e dos grupos humanos. E, todos os dias, uns ou outros destes exemplos arrastam outros homens e mulheres a imitarem-nos.

Os braços cruzados, as costas vergadas a uma tristeza sem horizontes, têm de ceder ao dinamismo de tais exemplos, e quando começamos a esforçarmo-nos por ir colaborando na feitura de um mundo melhor, descobrimos que, afinal, a alegria e a esperança não estavam mortas em nós, mas apenas adormecidas.

O capitalismo burguês deseja que essa apatia se mantenha, e o comunismo conta com ela para transformar os apáticos em revolucionários. Um e outro desprezam o potencial da força criadora que há na liberdade humana. Nem braços cruzados, nem ódio destruidor. Trabalho humilde e sereno e limpido, como a água humilde, serena e limpida — eis o necessário. E como «água mole em pedra dura, tanto dá até que fura...», resistirão a esse trabalho as rochas do capitalismo burguês e do comunismo?

ANIVERSÁRIO DAS ENCÍCLICAS

Entre os semanários da província que dedicaram a sua atenção ao aniversário das Encíclicas «Rerum Novarum» e «Quadragesimo Anno», destacamos pelo interesse dos artigos publicados a «Folha do Domingo», de Faro, a «Reconquista», de Castelo Branco e «O Distrito de Portalegre».

A «Reconquista» publicou sobre o assunto um editorial da pena brilhante de Duque Vieira. O «Distrito de Portalegre» conclui o seu artigo de fundo sobre o 15 de Maio com a seguinte frase pronunciada por Cardyn na Semana Social francesa de 1947: «Maior que o comunismo o grande perigo desta hora é a ignorância total, por parte dos católicos, da doutrina social da Igreja, a única que pode dar a salvação».

QUANTO VALE O TRABALHO

Passava eu certo dia ao pé duma oficina velha e abandonada. Vi espalhados pelo chão alguns pedaços de ferro comido pela ferrugem, cabeças de preços, bocados de arcos de pipa gastos do tempo e vários outros objectos do mesmo género e valor.

Olhei e, sem mais reparos, andei o meu caminho, pois que me importavam a mim objectos que eu tinha como absolutamente inúteis e desprezíveis?

Atrás de mim, e a pequena distância, vinha um rapaz com uma cesta, e dentro dela algumas ferramentas velhas e outros pedaços de ferro que para nada serviam. Chegou ao pé da oficina abandonada e começou a juntar todos aqueles pedaços de ferro ferrugento que estavam espalhados pelo chão e que me pareciam a coisa mais inútil deste mundo.

— Para que queres isso, rapaz? — disse-lhe eu com bons modos.

— Para vender, responde o pequeno.

— E quanto valem esses ferros comidos da ferrugem e gastos do tempo?

— Não sei, mas o ferreiro lá de cima, o sr. António, diz que se eu lhe levar esta cesta cheia me dá 10$00.

Efectivamente, que valiam aqueles pedaços de ferro ferrugento, abandonado pelos caminhos? Parece que não valiam nada e por isso haviam sido lançados fora. Todavia o trabalho do pequeno converteu o que não valia nada, no valor de 10$00.

* * *

O ferreiro lá de cima não era nenhum especialista na arte, em todo o caso tinha ciência bastante para transformar esse metal velho em outro novo e puro.

Acende a forja, atira para ela com esses pedaços ferrugentos e aquece-os até ao rubro e até ao branco. Bate-os, martela-os, solda-os e em pouco tempo, eis uma barra de ferro puro e limpo. Vende-a a outro fabricante e 100$00 é o preço de seu trabalho.

O ferro é o mesmo que há pouco custou uma pequena moeda, e agora transformado pelo trabalho valeu já uma grande nota.

* * *

O novo comprador é sobretudo um bom artista. Não lhe sobram meios de aumentar a sua fazenda, mas a sua pequena indústria e o seu trabalho proporcionam-lhe bem o pão dé cada dia para si e para a sua numerosa família. É o que ele mais deseja, pois não alimenta grandes ambições. Acha que o trabalho e a vida honrada são já uma grande riqueza.

Leva pois o ferro comprado para a oficina, divide-o em lâminas delgadas e misturando-as devidamente com uma espécie de cimento feito de pó de carvão, foliqem, sal marinho, etc., em proporções convenientes e determinadas, submete tudo a fogo violento e em pouco tempo tem o ferro transformado em aço. Deu tudo uma grande barra.

Necessitando do preço de seu trabalho para o sustento da casa, vende essa barra de aço para uma fábrica de relógios por 175$00.

* * *

Na fábrica havia falta de molas motoras do mecanismo de relógios finos e delicados. Por isso o aço foi logo aproveitado e convertido todo em molas finíssimas.

Mais de dez mil molas foi o que deu aquela barra de aço bem aproveitada. Cada mola, finíssima como era, foi avaliada em 5$00. O valor de todas elas atingiu, portanto, a soma de mais de cinquenta contos.

É claro que este último trabalho levou vários dias à operários especializados. Foram utilizados para isso os maquinismos mais modernos, mas o que é verdade é que o valor do trabalho verdadeiramente se sublimou. Vêde a que alturas subiram os minguados dez escudos que, por juntar ferros velhos, havia ganho o rapazito. Foi o trabalho quem operou essa maravilha.

* * *

Mais de cinquenta contos é efectivamente o preço de uns pedaços de ferro ferrugento e inútil, desprezado e sem valor; ou antes, mais de cinquenta contos é, na realidade, o valor do trabalho que sucessivamente aperfeiçoou aquela matéria bruta até a transformar e elevar a tão altas proporções.

Quem não vê que o trabalho é a fonte, a bem dizer única, de toda a riqueza e prosperidade? Um pouco de metal velho e desprezado só vale dez escudos depois de um pequeno trabalho. Cresce o trabalho, aumenta logo o valor; e, em menos de um mês, esses trabalhos sucessivos e cada vez mais delicados, transformam uma pequena moeda na soma prodigiosa de mais de cinquenta contos.

Que capital deveríamos empregar para em tão pouco tempo adquirir tanto lucro? Nem o ferro, nem a prata, nem o ouro valem nada senão como representantes do nosso trabalho.

É pois o trabalho a grande riqueza do homem. Com ele se fazem os mais delicados e perfeitos maquinismos e com esses maquinismos acionados pelo braço do homem, somos capazes de transformar e engrandecer toda a natureza. De tudo se pode concluir que é mais rico quem, não tendo nada, pode trabalhar, do que o mais abastado milionário impossibilitado de exercer tão útil, valioso e honrado emprego.

JOSÉ ANTÓNIO SILVA

ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. R. MORAIS SOARES 5-A a 5-D // LISBOA

A FEIRA DO ESPÍRITO SANTO EM SACAVÉM

Por motivo desta feira que se repete a 23 do corrente, a C. P. efectuará, no referido dia, além dos comboios regulares, os comboios de desdobramento que a afluência de passageiros justificar.

PÁGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

DOS «PARES»

SPORTING — BENFICA E COVILHÃ — BARREIRENSE

É QUE DEVEM SAIR RESPECTIVAMENTE OS VENCEDORES DAS I E II DIVISÕES NACIONAIS

Amanhã, no Estádio do Vale do Jamor, os portugueses disputarão o seu último desafio internacional da temporada corrente, defrontando pela terceira vez os representantes da Irlanda Livre.

Esta época, Portugal já defrontou a França (em Lisboa) perdendo por 2-4 na tarde de 23 de Novembro de 1947, e a Espanha (em Madrid) perdendo também por 0-2, no dia 21 de Março p. passado.

Teremos amanhã a primeira jornada internacional com vitória?

— Sinceramente, somos obrigados a confessar que o nosso prognóstico é desfavorável à equipa nacional...

Bem sabemos que a força da tradição impera um tanto ou quanto nestas andanças da bola. E sob este aspecto, Portugal tem indiscutível vantagem, visto que já venceu a Irlanda (em Lisboa) por 3-1, e (em Dublin) por 2-0. No entanto...

No entanto, parece-nos que existe presentemente uma «força maior» que a força da Tradição, que virá sem dúvida a pesar imenso no desfecho deste III encontro entre portugueses e irlandeses.

Referimo-nos à... «força das circunstâncias», que apresentará em campo um Onze Nacional sem conjunto, sem apoio da assistência, sem preparação física aprimorada e... sem confiança em si mesmo.

Esta é a verdade nua e crua!

Oxalá nos enganemos — mas acreditem os leitores que este nosso pessimismo não é mais do que o fruto naturalíssimo colhido na orientação e no trabalho daqueles que se resolveram a arcar com a responsabilidade da escolha da representação do futebol português, mas que, infelizmente, já foram de antemão confessando a sua impotência para lutarem, e levarem a melhor, contra uma interminável série de contratempos gerados pelos interesses clubistas que redundam em manifesto prejuízo dos interesses nacionais!!!

Oxalá nos enganemos — repetimos. Mas cremos intimamente que o Doutor Virgílio Paula vai fazer a sua «anunciada» festa de despedida como seleccionador nacional com uma terceira derrota!!!

É pena, mas sempre ouvimos dizer que «quem a cama faz...», etc., etc.

Sporting (com 4-1) e Benfica (com 3-1) continuam igualados com 39 pontos

Os jogos da penúltima ronda do Nacional da I Divisão, efectuados no domingo passado, não trouxeram novidades de maior. Nos seis encontros, registaram-se cinco vitórias dos grupos visitados (Sporting, Estoril, Atlético, Elvas e Braga), uma dum visitante (Benfica) e um empate sòmente (Olhanense-Belenenses).

Como notas de maior surpresa, verificaram-se duas expulsões de jogadores (Joaquim, do F. C. do Porto, e Serafim, do Boavista), um «score» demasiadamente expressivo em Elvas (12-1 contra a Académica, só excedido pelo 12-0 que o Sporting infligiu ao Lusitano na 13.ª jornada), e o facto interessante dos dois guarda-redes seleccionados para o desafio internacional de amanhã (Azevedo e Barrigana) terem sido batidos antes de efectuarem qualquer defesa na partida do Estádio José Alvalade!!...

— No Campo do Bessa, sob a arbitragem de Paulo de Oliveira (Santarém), o Benfica «arrancou a ferros» um excelente triunfo por 1-0 contra o Boavista, que dominou mais... mas que não chegou a marcar!

— No Estádio Padinha, sob a arbitragem de Vieira da Costa (Porto), olhanenses e belenenses terminaram o despique com a igualdade a uma bola, que deve ter sido o resultado ideal para satisfazer ambas as equipas (uma a «fugir» da companhia do Sporting de Braga no penúltimo lugar, e outra a manter a terceira posição juntamente com estorilistas e portuenses).

— No Campo da Ponte, sob a arbitragem de Vale Ramos (Avc.ro), os bracarenses queimaram talvez o último cartucho — derrotando os seus eternos rivais vimaranenses, sendo apenas «mal sucedidos» em virtude do empate verificado em Olhão. O Sporting Clube de Braga terá certamente de disputar o «jogo de passagem» com o 2.º classificado da II Divisão, A não ser que... a não ser que, por exemplo, venha a ser um facto o boato dum «protector» alargamento da I Divisão!

— Na Tapadinha, sob a arbitragem de Araújo Santos (Setúbal), o Atlético «viu-se e desejou-se» para derrotar um Lusitano cheio de brio... e com Izaurindo nas balisas. Com um empate a 0-0 no intervalo, os alcantarenses sofreram o primeiro golo da tarde, a que Vital, porém, respondeu imediatamente com três!!!...

— No Campo da Amoreira, sob a arbitragem de Reis Santos (Santarém), o Estoril conseguiu desfazer o empate a 3-3 da primeira volta com um triunfo por 4-2 sobre o Vitória de Setúbal, mas com muito mais dificuldade do que se supunha antes do encontro.

— No Estádio José Alvalade, os «leões» e os portuenses realizaram exibição muito abaixo das suas reais possibilidades — e muito àquem daquilo que esperavam os milhares de entusiastas que acorreram ao Lumiar. Sem dúvida que os lisboetas mereceram os dois pontos cobiçados, mas a verdade é que, não tendo os recentes vencedores do Arsenal de Londres dado sensação de «poder e saber» que realçasse a luta, o espectáculo foi pobre e decidiu-se depressa com a marcha do marcador.

— No Estádio Municipal, em Elvas, sob a arbitragem de Melo Paiva (Lisboa) a equipa local desforrou-se amplamente da derrota sofrida em Coimbra no dia 8 de Fevereiro. A Académica, por intermédio do seu habilidoso Bentes, conseguiu salvar a honra do convento com um golo marcado no primeiro tempo; mas o que ela não conseguiu foi evitar a «dúzia» obtida por Patalino (com 5), por Vieira (com 2), por Rafa (com 2), por Casimiro (com 2), e por Massano (com 1).

Após estes jogos, temos:

	J.	V.	E.	D.	P.
Sporting	25	19	1	5	39
Benfica	25	18	3	4	39
Estoril	25	16	3	6	35
Belenenses	25	15	5	5	35
F. C. Porto	25	17	1	6	35
Atlético	25	11	4	10	26
Elvas	25	11	2	12	24
Guimarães	25	9	4	12	22
Boavista	25	9	2	14	20
Setúbal	25	7	3	15	17
Olhanense	25	5	7	14	17
Lusitano	25	7	3	13	17
Braga	25	6	4	16	16
Académica	25	3	2	20	8

O campeonato só terminará no dia 30 do corrente mês, com a XXVI jornada que comporta os seguintes desafios:

Belenenses—Braga, nas Salésias.
Benfica—Olhanense, no Campo Grande.
F. C. Porto—Estoril, na Constituição.
Guimarães—Atlético, na Amorosa.
Académica—Boavista, no Loreto.
Setúbal—Elvas, nos Arcos.
Lusitano—Sporting, em Vila Real de Santo António.

Famalicão e CUF do Barreiro já não têm possibilidades

Os jogos de domingo, na Poule Final da II Divisão, resolveram em definitivo a questão referentemente aos dois primeiros lugares — os que, aliás, interessavam.

Quer o Sporting da Covilhã, quer o Barreirense (ganhando ambos «em casa», respectivamente por 8-1 ao Famalicão, e por 3-2 à Cuf) assegurara-se dos postos cobiçados. Falta apenas uma jornada, mas essa reveste-se agora duma importância enorme, visto que do encontro entre os «leaders» sairá com certeza o «feliz» que automàticamente sobe à Divisão Maior, enquanto o vencido terá de conquistar essa honra ao penúltimo classificado da I Divisão.

A tabela actual está assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	P.
Covilhã	5	2	3	—	12
Barreirense	5	3	1	1	12
Cuf	5	1	1	3	8
Famalicão	5	1	1	3	8

Os desafios da sexta e última jornada são:

Covilhã—Barreirense, na Covilhã.
Cuf—Famalicão, no Barreiro.

A «Casa Pia» é o «urso» na escola de jogadores

No relvado das Salésias efectuou-se a terceira ronda do Torneio entre «Miudos» — a feliz iniciativa do Belenenses, superiormente autorizada pela Direcção Geral dos Desportos, e dotada com uma magnífica Taça pelo Ministro da Argentina em Lisboa.

Os resultados do domingo foram:

às 9,30—Oriental-Sacavenense, 5-0; às 10,30 — Barreirense-Cuf, 4-0; às 11,30 — Atlético-Estoril, 3-1; às 12,30 —Casa Pia-Belenenses, 1-0.

Qualquer dos desafios despertou grande interesse no público, tendo-se jogado com animação e muita compostura.

Entre os apaixonados da bola já são muito citados os nomes de alguns «azes» de palmo e meio, o que é sintoma evidente que desta «fornada» se podem esperar valores positivos que no futuro melhorem a qualidade do futebol nacional.

Eis a classificação ao cabo de três domingos:

	J.	V.	E.	D.	P.
Casa Pia	3	3	—	—	9
Barreirense	3	2	1	—	8
Oriental	3	2	—	1	7
Atlético	3	2	—	1	7
Belenenses	3	—	2	1	5
Estoril	3	—	1	2	4
Cuf	3	—	1	2	4
Sacavenense	3	—	1	2	4

Amanhã, também nas Salésias e sempre às horas do costume, disputam-se os encontros seguintes:

Oriental-Cuf (Barreiro)
Estoril-Barreirense
Belenenses-Sacavenense
Casa Pia-Atlético

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

Atenção à equipa nacional de andebol

O andebol português é amanhã chamado a prestar importante prova de capacidade. Se vencer, todas as aspirações, agora ou mais tarde, se apresentarão legítimas; se, ao contrário, a derrota lhe bater à porta, não será ainda motivo para desânimos — antes indicação de que deve trabalhar cada vez com maior intensidade.

De qualquer maneira, mais ainda em face do comportamento que dos números, há-de tornar-se preciosíssima para o seu futuro, a deslocação que se empreende a terras gaulesas, a fim de, em Poitiers, defrontar a equipa de França, numa eliminatória para o Campeonato do Mundo, cuja final se disputará em Paris.

Longe da sua Pátria, do seu «clima», e sem a sua alimentação habitual, os jogadores portugueses hão-de ressentir-se do facto; mas a verdade é que os desportistas nacionais se habituaram a ver nos andebolistas atletas tenazes, capacíssimos de remover pela força dos seus músculos e por obra do seu cérebro as maiores dificuldades.

E não é sem razão que assim sucede.

Confie-se, pois, no valor da equipa nacional de andebol — e atenção ao seu comportamento de amanhã.

O Atletismo — a caminho de boa «forma»

O atletismo português, sem ter inaugurado ainda a sua época oficial de pista, pode já ufanar-se de dois recordes batidos. Nos campeonatos do Sporting, realizados no último domingo, Francisco Bastos, um atleta sempre jovem e sempre valoroso, fez descer o seu primado dos 1.000 meros, percorrendo a distância, desta vez, em 2 m. 35 s. 8/10. Também na mesma reunião, Álvaro Conde bateu o recorde nacional dos 3.000 metros juniores no tempo de 9 m. 7 s. 2/10.

Entra-se assim num princípio de época prometedor — tanto mais que se anunciam para breve três torneios luso-espanhois, qual deles o mais interessante.

O Benfica fará deslocar os seus atletas a Orense, onde já amanhã defrontarão um núcleo local.

Hoje e amanhã, têm lugar na pista do Sporting competições universitárias, as quais servirão para escolher a equipa universitária de Lisboa, que no próximo dia 27, em Madrid, tomará parte no encontro Paris Université Club — Madrid — Lisboa.

Finalmente, o Sporting Clube de Portugal traz até nós uma equipa do Real Espanhol — que se exibirá em Lisboa nos próximos dias 5 e 6 de Junho.

As competições luso-espanholas culminarão depois, em 21 e 22 de Agosto, com o encontro oficial entre as selecções dos dois países.

Como intercâmbio, nada mau, como se vê.

Acresce ainda que entidades das mais ligadas ao desenvolvimento da modalidade, com o técnico e jornalista Alfredo Freitas no «comando» da iniciativa, formaram agora uma «Frente de Amigos do Atletismo», destinada a prestar decisivo apoio ao Desporto n.º 1, cujas perspectivas se apresentam, assim, as mais animadoras.

Essa «Frente», — podemos revelar o facto, está disposta a trazer até nós os mais categorizados atletas de todo o Mundo, empreendendo primeiro um trabalho interno de larga extensão — com vista a angariar fundos e a apurar a forma dos atletas portugueses.

Nova derrota dos «encarnados» no nacional de basquetebol

Mais uma jornada do nacional de basquetebol — e nova derrota do Benfica, desta feita frente a um Atlé-desses 29 clubes, que são:

Todos os da I Divisão — Sporting, Benfica, Estoril, Belenenses, Porto, Atlético, Elvas, Guimarães, Boavista, Olhanense, Setúbal, Lusitano, Braga e Académica;

Os oito concorrentes às 2 poules semi-finais da II Divisão — Covilhã, Leixões, Famalicão, União de Coimbra, Barreirense, Cuf do Barreiro, Portimonense e Desportivo de Beja;

Os dois finalistas do Campeonato da III Divisão — Desportivo da Covaa da Piedade, e Académico de Viseu;

Os quatro apurados no Torneio Preliminar — Oliveirense, Leões de Santarém, Torriense e Desportivo de Faro;

E o representante das Ilhas — que deve ser o Marítimo, do Funchal.

Como já atrás dissemos, a Taça terá início no dia 6 de Junho, jogando nessa tarde os 28 clubes da Metrópole, que apurarão 14; no dia 10 (Feriado Nacional), estes 14 apurarão 7 — aos quais se juntarão então o representante das Ilhas; no dia 13, os 8 «sobreviventes» apurarão 4 (nos quartos-de-final); no dia 20, estes 4 apurarão 2 (nas meias-finais); e no dia 27, disputar-se-á então a «final» entre os tais 2 apurados no domingo anterior.

...E com esta «Finalíssima» da Taça terminará... finalmente a temporada futebolística de 1947-48.

ALBERTO VALENTE

Estão apurados os 29 clubes para a Taça de Portugal»

O Torneio Preliminar para classificação de quatro clubes que disputarão também a Taça de Portugal acabou no domingo, com os desafios das «segundas mãos» entre os vencedores dos Grupos e os eliminados do Campeonato da III Divisão.

Os resultados foram:

Oliveirense-Espinho	(3-1)—0-1
Leões Sant.-Covilhanense	(1-0)—2-1
Torriense-Unidos Montijo	(4-1)—3-1
Desportivo Faro - Moura	(4-3)—2-2

Entre parentesis, lembramos os desfechos dos encontros das «primeiras mãos».

Temos, portanto, já definitivamente apurados os 29 clubes que nos dias 6, 10, 13, 20 e 27 de Junho próximo disputarão a Taça de Portugal em eliminatórias sucessivas num só jogo a realizar em campo sorteado pertencente a um dos competidores.

Vale a pena mencionar os nomes desses 29 clubes, que são:

Todos os da I Divisão — Sporting, Benfica, Estoril, Belenenses, Porto, Atlético, Elvas, Guimarães, Boavista, Olhanense, Setúbal, Lusitano, Braga e Académica;

Os oito concorrentes às 2 poules semi-finais da II Divisão — Covilhã, Leixões, Famalicão, União de Coimbra, Barreirense, Cuf do Barreiro, Portimonense e Desportivo de Beja;

Os dois finalistas do Campeonato da III Divisão — Desportivo da Covaa da Piedade, e Académico de Viseu;

Os quatro apurados no Torneio Preliminar — Oliveirense, Leões de Santarém, Torriense e Desportivo de Faro;

E o representante das Ilhas — que deve ser o Marítimo, do Funchal.

Como já atrás dissemos, a Taça terá início no dia 6 de Junho, jogando nessa tarde os 28 clubes da Metrópole, que apurarão 14; no dia 10 (Feriado Nacional), estes 14 apurarão 7 — aos quais se juntarão então o representante das Ilhas; no dia 13, os 8 «sobreviventes» apurarão 4 (nos quartos-de-final); no dia 20, estes 4 apurarão 2 (nas meias-finais); e no dia 27, disputar-se-á então a «final» entre os tais 2 apurados no domingo anterior.

...E com esta «Finalíssima» da Taça terminará... finalmente a temporada futebolística de 1947-48.

ALBERTO VALENTE

Da Silva — um pugilista de muita categoria

Rafael da Silva — Da Silva — caboverdeano de nascimento, com larga experiência dos «rings» de França, foi já apresentado aos nossos leitores como pugilista de muita categoria. Categoria que ele confirmou, recentemente, batendo Guilherme Martins de maneira inequívoca quanto à demonstração de faculdades.

Na mesma semana, Beni Levy, em regresso firme ao seu melhor, venceu o espanhol Velasco, por K. O., ao 5.º assalto.

Provas internacionais

Felizmente, cada vez é maior o contacto internacional dos desportistas portugueses.

(Continua na 6.ª página)

O DESEMPREGO

UMA NOTA DO RESPECTIVO COMISSARIADO

Muitas das pessoas que se encontram desempregadas não se inscrevem no Comissariado do Desemprego. Sabêmo-lo por experiência própria: centenas, se não milhares de trabalhadores, que estão desempregados, não se vão inscrever como tais, alegando que não vale a pena, que nada se ganha com isso, que é uma grande maçada, etc.

Sempre aconselhamos a todos os que nos procuram, a inscreverem-se. Como podem os Serviços encarregados de providenciar neste ponto, chegar a resultados e tomar as medidas que o caso requere, se não souberem ao menos quantos desempregados existem, quais as suas profissões, etc.?

O desemprego é o maior flagelo dos trabalhadores, porque significa a incerteza da vida, o enigma sobre o dia de amanhã, sobre o destino dos filhos e da família. Sobretudo quando já se não é novo, a sombra do desemprego é suficientemente trágica para obrigar os trabalhadores a preferir tudo o mais a ficar desempregado.

Foi por isso com grande alegria que lemos no Boletim Mensal do Comissariado do Desemprego — Março de 1948 — o artigo que segue:

O desemprego, como todos os problemas, para ser resolvido precisa da conjugação de elementos que levem à solução desejada. Neste caso, do dador e do procurador de trabalho, através da mecânica legal a cargo do Comissariado do Desemprego. Mas o que se diz em meia dúzia de palavras, não é tão fácil como à primeira vista possa parecer pois não se verifica sempre a espontânea harmonia de vontades, isto é, não há automatismo entre quem precise de trabalho e aqueles que lho podem proporcionar.

E como se trata de problemas humanos, sociais, vários factores interferem na sua solução e, para os corrigir e compensar, actua o Comissariado. Como? Esforçando-se por proporcionar trabalho a quem dele precisa, quer directa quer indirectamente, tendo sempre em mira a síntese fundamental que o grande Ministro Duarte Pacheco tornou a sua essência informativa: «não se dão esmolas, procura dar-se trabalho».

Os resultados conseguidos com o sistema adoptado estão à vista de todos: pode afirmar-se que em certas profissões, como as que são abrangidas pelo Grupo III (Construção civil), não existe desemprego e noutras o número dos que não encontram ocupação está reduzido ao núcleo irredutível dos que não querem ou não podem trabalhar.

Mas isto corresponde a afirmar-se que não existem desempregados em Portugal? É evidente que não, pois numerosas são as causas que podem influir para modificar a situação dos que trabalham. O que se pode afirmar é que o Comissariado se encontra em condições de reduzir ao mínimo o período do desemprego, principalmente se os que a ele recorrerem forem bons elementos.

Mas para tanto, torna-se necessário que o desconhecimento da lei ou a falta de confiança na acção do Comissariado, não compliquem a situação dos que se desempregam, retardando a inscrição nos seus registos.

Tem que se notar que para a maioria dos indivíduos que se inscrevem não se pode conseguir uma solução imediata, pois de há muito se encontra superiormente determinado que os desempregados só podem ser colocados depois de decorrido o prazo fixado para organização dos respectivos processos, a fim de evitar eventual prejuízo daqueles que há mais tempo se encontram registados. É apenas feita excepção para os serventes ou trabalhadores sem ofício definido, os quais recebem guia de trabalho para se apresentarem numa obra logo que se inscrevem.

Mas o Comissariado não abandona o desempregado durante o período de organização do processo, pois que, se através o resultado das averiguações que efectua pelo respectivo serviço, conclui que aquele carece de auxílio imediato, promove que seja socorrido por um dos organismos adequados que colaboram com ele.

Verifica-se, pois, a maior vantagem na inscrição no Comissariado imediatamente ao desemprego, mas salientá-se que se for averiguado, durante a organização do processo, que o mesmo desemprego foi voluntário ou é da responsabilidade do desempregado, tal inscrição não é aceite. Nos termos da lei também não é admitida a inscrição de desempregados inválidos os quais, em conformidade com o disposto no decreto-lei n.º 21.699, são remetidos ao Instituto de Assistência à Família, e é ainda princípio que domina a matéria de inscrições nos registos do Comissariado, a inadmissibilidade de inscrição de indivíduos não necessitados, de mulheres casadas, de reformados, de estudantes e daqueles que exerciam profissões liberais, salvo, quanto a estes últimos, se se verificar que podem ser aproveitados noutra modalidade de trabalho como, por exemplo, a de escriturário, dactilógrafo ou apontador. Aos menores só é permitida a inscrição quando sejam chefes de família ou considerados amparo do pai ou da mãe.

— Para tornar conhecidos os benefícios da inscrição, acrescenta o referido Boletim:

Durante o primeiro trimestre do corrente ano, o Comissariado despendeu com subsídios de trabalho a desempregados colocados nos seus próprios serviços e destacados, a importante verba de 6.795.722$27.

O sentido da independência em educação

A maioria dos pais de família consideram os filhos ou como bonecos ou como escravos, sem personalidade.

Não lhes dirão, como seria para desejar o sentido da independência, o sentido das responsabilidades.

Quando ainda pequenos afastam deles todas as dificuldades; chegam até, ao extremo de lhes entravarem as primeiras tentativas que fazem para as vencerem.

O leitor conhece, por certo, a anedota da criança que deu um grande trambulhão.

— Magoaste-te, pergunta-lhe a avó que acorrera, pressurosa, ao ouvir o barulho?

— Magoei, responde ela.

— Mas não choraste?

— Julguei que a avó não tinha dado por isso.

O mimo excessivo que se dá às crianças conduz a susceptibilidades de vidro que choram por nada.

— Não subas à cadeira, que cais, é a recomendação que se ouve.

— Deixa-me apertar os atacadores do sapato, porque, já sei, tu levas tempo infinito.

— Ainda cá que eu te penteio.

Em tudo intervém os pais, não dando à criança possibilidades de adquirir, de criar e firmar a sua personalidade.

À mesa as crianças não podem abrir o bico:

— Lá começas tu com os teus disparates.

Ou então: — cala a boca, que me doi a cabeça.

E perante a insistência da criança em «vender o seu peixe», em contar uma façanha, muitos pais não se contêm que não comecem ao «estalo».

Os pais julgam assim exercer uma autoridade que é um aviltamento da dignidade da criança. Insensivelmente criam-se complexos deploráveis de inferioridade ou de timidez e de rancor e reivindicta. Suscitam, tais restrições, no espírito do petiz o desejo de libertação do ambiente em que vive, explicando-se assim os «desaparecimentos» de que os jornais dão nota.

E que dizes do barbarismo repelente de certos pais que sovam desalmadamente os filhos por transgressões hipotéticas e inverosímeis?

Não é a bater nos filhos que se educam; não é com restrições de toda a espécie, não lhes deixando pôr pé em ramo verde que se concilia o respeito.

As crianças podem ser, muitas vezes, enfadonhas, endiabradas, indisciplinadas, tudo o que quiserem, mas nunca se consegue endireitá-las — nem à palmatoada, nem com o marmeleiro ou cinturão, mas com paciência, muita paciência.

Nunca devemos achincalhar as crianças porque procederam mal, porque pisaram o risco, porque estiveram irrequietas ou porque se desempenharam mal duma tarefa ou foram desastradas partindo ou inutilizando qualquer objecto.

Incidentes destes devem ser aproveitados como ponto de partida para uma observação amável e para uma explicação.

Tratemos as crianças como pessoas, não como bonecos.

Se em vez de lhes proibirmos que atravessem a rua sòzinhos lhes explicarmos como devem proceder, prevenindo-as dos precalços que podem surgir na travessia duma rua, teremos dado um grande passo no sentido da independência que deve nortear uma sã educação. Em caso de emergência, deixarão de existir as angústias das mães porque o filho tarde...

A verdadeira independência infantil não é fantasia desordenada ou capricho; comporta, pelo contrário, uma disciplina interior, uma obediência voluntária, e nunca forçada, às ordens dos pais que confiam no filho, obediência e subordinação igualmente aceite, às leis da sociedade e da natureza.

Acostumar as crianças a essa liberdade progressiva que lhes permite resolverem, por si, as dificuldades imprevistas que surgem, é prestar-lhes um serviço excepcional, é educá-las inteligentemente, é prepará-las para a vida.

Seja o sentido da independência um dos objectivos que devemos procurar atingir quando se trate de educar os nossos filhos.

RIBA TUA

Três grandes inimigos da classe operária

Imaginem os leitores um viandante que se visse na necessidade de transpor largo deserto no período necessàriamente curto que lhe ditavam as possibilidades de transporte de alimentação.

Impunha-se ao nosso homem um estudo prévio e sério das suas possibilidades físicas, do número de horas diárias de marcha, do melhor caminho a seguir, da alimentação mais leve e nutritiva a transportar, etc., etc.

Mas pensem que, em vez de tratar antecipadamente de tudo isto, e de, no percurso, procurar cumprir fielmente o plano traçado, ele se fazia ao caminho sem qualquer preparação ou bagagem e se deixava adormecer em pleno dia, ao fim das primeiras horas de marcha.

Que se diria de um homem que assim procedesse? Que era louco ou pretendia suicidar-se.

Embora se tenha avançado bastante no caminho das reformas sociais (ainda nos fins do século passado não havia no comércio e na indústria horários de trabalho, férias pagas, descanso semanal, condições aceitáveis de higiene e salubridade, regulamentação sobre o trabalho das mulheres e crianças, etc.,) não é, infelizmente, muito diferente da do viandante atrás citado a atitude que a maioria, ou, pelo menos, uma grande percentagem da classe operária toma em presença dos seus problemas.

Não vimos principalmente para apurar culpas, senão para verificar factos. Sabemos que é necessário chamar a atenção da classe operária para que se esforce no trabalho da sua própria valorização; para que tome consciência dos seus inalienáveis direitos e dos seus indeclináveis deveres. Para além da melhoria material das condições de vida, proveniente da mais intensa e racional produção, há que levar a cabo um gigantesco esforço de dignificação operária, poderíamos dizer popular, que mal começa a esboçar-se.

Reportando-nos ao nosso país, diremos que é, infelizmente, muito baixo o nível de cultura dos trabalhadores portugueses. Apesar da descida verificada nos últimos anos temos ainda uma elevadíssima percentagem de analfabetos, sem contar com o grande número de alfabetizados que não aprenderam o suficiente para redigir uma carta com facilidade. É evidente que, só por este motivo, se encontra dificultado, senão impedido, para uma parte muito considerável da classe operária, o caminho da sua emancipação intelectual e espiritual, base duma profunda e séria valorização humana.

À quase totalidade dos trabalhadores das nossas cidades e vilas possui um grau de instrução inferior ao do 3.º ano do liceu.

Tem subido muito nos últimos anos a frequência das escolas técnicas. Não tanto o aproveitamento nelas verificado. Por motivos vários, entre os quais avulta o esforço quase heróico que é exigido aos rapazes que trabalham de dia e estudam à noite, mais de metade dos alunos inscritos nestas escolas desistem antes do meio do curso. São escassa minoria os que atingem o final do mesmo.

A ignorância é um dos grandes inimigos da classe operária e um obstáculo muito grave ao progresso das Nações. Para o combater é necessária a colaboração de todos os homens de boa vontade e, sobretudo, o esforço dos próprios trabalhadores.

Outro grande inimigo, em parte filho do primeiro, é o alcoolismo. As tabernas continuam sendo na maioria das terras pequenas, e até em certos bairros das grandes urbes, o ponto de reunião das massas trabalhadoras. Não vamos agora enumerar todos os malefícios do alcoolismo e da simples permanência na taberna. Não podemos, porém, deixar de referir o enorme contributo fornecido por esta chaga social para o desiquilíbrio e miséria de muitos lares, para a ruína física e moral de muitos filhos da classe trabalhadora, para a «semi-bestialização» de tantos homens do trabalho.

Há também neste capítulo um grande esforço a desenvolver: Educação operária, criação de centros de cultura e recreio, Casas do Povo, nova e mais apertada regulamentação ao funcionamento das tabernas, etc. E também neste ponto, o problema será resolvido na medida em que para ele for chamada a atenção dos elementos mais representativos da classe trabalhadora e com eles se colaborar na sua solução.

Finalmente, outro grande inimigo dos trabalhadores: A indiferença perante os seus problemas.

O homem do trabalho tem, como todos os homens, os seus problemas pessoais. Problemas para ele de mais difícil solução, devido à sua restrita cultura e fraca resistência económica. Para lá dos seus problemas pessoais e a ele intimamente ligados, deveriam ainda preocupá-lo os problemas gerais da sua classe, da própria Nação em que nasceu e para cujo progresso dá a contribuição do seu trabalho, do mundo e do tempo em que vive.

Para a solução cabal de todos estes problemas é absolutamente necessária a colaboração, o interesse, a energia, a coragem, o valor, o entusiasmo do mundo do trabalho.

Mas que acontece na maior parte dos casos? Em presença de todos estes problemas, a maioria dos trabalhadores opta pelo desinteresse, dorme, tranquila, o sono da indiferença, espera que tudo lhe venha cair nas mãos, por obra e graça da boa vontade e do esforço... dos outros.

A grande massa não vive, no que esta palavra significa de luta, de esforço, de desejo de perfeição e alturas. Arrasta-se. Entrega-se, entorpecida, ao jogo fatalista das influências estranhas. E como com alguma coisa há-de passar o tempo que lhe sobra do trabalho «narcotiza-se» no ambiente insalubre das tabernas, dos cafés, lupanares e nas discussões exageradas e infrutíferas do futebol e dos supra facciosismos clubistas.

Não, a questão social não pode considerar-se resolvida enquanto durar este estado de coisas. A própria melhoria material das condições de vida, a dar-se, será sèriamente comprometida por este complexo de inferioridade da alma operária.

A classe operária não pode mais realizar em si aquele tipo do louco viandante que se lança ao caminho duro e árduo da vida sem preparação e sem bagagem.

Para que tal não continue a acontecer impõe-se o trabalho de todos: Estado, forças morais, chefes de empresas, empregados e assalariados.

E não queremos terminar sem um

(Continua na 8.ª pág.)

APRENDAMOS CONTABILIDADE

por DIAS NEVES

Começando, com o presente artigo, um curso de Contabilidade, não nos move a pretensão de alardear ciência, mas, sòmente, o sincero desejo de prestar um serviço ao nosso trabalhador, contribuindo para a sua elevação profissional, levando, até onde chegar o nosso jornal, de um modo cómodo e sem despesa, conhecimentos que lhe serão de prestimosa utilidade, dando-lhe a noção exacta de como se movem, encadeiam e situam os factos gestivos na escrituração de uma empresa, desde o momento em que esta se funda à sua liquidação. A caminhada será longa, mas através dela o nosso leitor tomará contacto com conhecimentos que, desde logo, o habilitarão a desempenhar diversos cargos, como o de fiel de armazém, caixa, factor e contacorrentista, com a certeza, porém, de que ao terminar esta secção,se Deus nos der dia e saúde, poderá considerar-se habilitado quarda-livros. Nesse momento, terá conseguido «O Trabalhador» o seu objectivo e sincera será a nossa satisfação, pela obrigação tomada e cumprida.

Esta iniciativa tomou efectivação, pelo conhecimento de como o ensino técnico comercial se torna pouco acessível, para certas populações longe dos centros de ensino: de que o nosso operário e trabalhador rural, em geral, não dispõem de posses que os habiliten a encetar um curso por correio e porque, até, o seu interesse pode não ir além do simples desejo de possuir alguns conhecimentos de Contabilidade, aproveitáveis e necessários, em muitas ocasiões.

Durante o curso, dispensar-nos-emos das observações e dissertações que julgarmos sem interesse real para o texto, pelo que, muitas vezes, a matéria poderá parecer árida, mas tenhamos sempre presente que o espaço concedido a esta secção é limitado e que é nosso intento encurtar o curso, tornando-o breve.

Por esta razão, e atendendo ao meio por que é ministrado este curso e a quem ele se destina, muitas vezes teremos de nos socorrer de axiomas e de definições empíricas, que contrariem a ciência da Contabilidade, mas, quando tal acontecer, não é que desprezemos a ciência dos Mestres, porque deles colhemos o que sabemos e disso nos sentimos penhorados e honrados. Pedimos, assim, a sua indulgência e carinho pela nossa iniciativa, que longe de os apear do pedestal aonde seu saber os elevou, é uma forma de lhes prestarmos a nossa homenagem e fazer sentir a nossa gratidão e muito e muito reconhecidos ficaremos, se nos quiserem honrar e ajudar com o seu saber, nesta nossa nova campanha.

CONHEÇA A SUA TERRA

Um circuito turístico que abrange Tomar, Fátima e Batalha

No programa de circuitos turísticos que a C. P. está organizando de colaboração com a «Wagons-Lits» e o Secretariado Nacional da Informação, foi incluído o que abrange Tomar, Fátima e Batalha, marcado para domingo 30 do corrente.

A viagem é feita no «rápido» das 8.40 até Entroncamento, onde os excursionistas visitarão a Fábrica de Sumos de Frutas, organização industrial recentemente inaugurada.

Depois do almoço, os excursionistas seguirão em autocarros para a vila de Torres Novas que visitarão, seguindo-se a viagem para Batalha e Tomar, onde apreciarão as principais curiosidades artísticas. No percurso poderão os viajantes visitar o Santuário de Fátima e, depois do jantar no Entroncamento, onde tomarão o «rápido», chegam a Lisboa às 23,55.

Desta forma vai a C. P. tornando conhecidas dos portugueses, não só as paisagens e monumentos, mas as realizações de carácter económico.

Na Secção de Informações da C. P. na estação do Rossio (Telefones 3 3180 e 3 3185) e na Agência «Wagons-Lits» na Avenida da Liberdade (Telefones 3 1791/2/3) prestam-se todos os esclarecimentos sobre esta excursão, cuja lotação é limitada.

BOLETIM MUNDIAL

NA EXPECTATIVA

Parece que foi Bismark, o Chanceler de Ferro, que um dia proferiu esta frase: «ninguém poderá ser nunca bastante rico para comprar os seus inimigos com concessões».

Não sabemos se foi nas «cogitações» que o grande reformador da Alemanha costumava fazer, naquele gabinete de trabalho do seu palácio, numa floresta dos arredores de Berlim, sentado a uma secretária grande, onde também nos sentámos, tendo à direita a «Bíblia», que folheava com frequência, e à sinistra a «Revolução Francesa», de Carlyle, também de sua predilecta consulta, e, em frente, na janela que lhe desenhava um esplêndido panorama, a silhueta de um «diabo» que se interpunha entre a mesa de trabalho e a janela, não sabemos, como iamos dizer, se em tais cogitações e com tal ambiência, esta sentença, lha terá sugerido o conselho dos livros e a experiência dos homens. O que sabemos é que ela não poderia ter mais e melhor aplicação e oportunidade do que aquela que agora surge na inopinada tentativa dos Estados Unidos se aproximarem da Rússia e que, pelos vistos, vai sair do domínio da diplomacia pública, para os bastidores das actividades secretas das chancelarias.

Não se trata já de saber, ou recordar, as concessões feitas pelos anglo-americanos aos russos nas reuniões de Ialta, de Teheran e de Potsdam, todas elas propícias a generosidades que as necessidades prementes da guerra aconselhavam, no dizer da própria diplomacia, mas que as circunstâncias do post-guerra alteraram. E alteraram em dois sentidos: primeiro naquele em que muitas dessas concessões se tornavam incomportáveis e impossíveis de cumprir, dado o esgotamento em que o mundo ficou; segundo, porque a Rússia estava a transformar as concessões feitas num instrumento de expansionismo e propaganda, que desvirtuaram o sentido de recompensa com que lhe foram feitas. Além de que a iam tornando gradualmente mais exigente e mais insociável!

Como recordamos, se se não trata destas concessões que, em certo modo, permitiram o domínio que exerce hoje na Europa Central e Danubiana, trata-se daquelas que representariam a sua lógica sequência e lhe permitiriam, para além do domínio já exercido, estender a sua expansão através do Grupo escandinavo, até ao Atlântico, e marcê da passagem do Bósforo, até ao Mediterrâneo.

Chegados os povos anglo-americanos a esta conclusão, deliberaram mudar a sua política concessionária, que caracterizou o tempo de Roosevelt, e começaram a substituí-la pela de resistência gradual até que a política da ofensiva, até aí usada pela Rússia, mudou de mãos. Com a mudança de táctica foram crescendo os diferendos e com estes o estado de espírito preparatório das guerras. A própria guerra de nervos subiu de elevada tensão.

Berlim foi o ponto nevrálgico por excelência. As subidas do termómetro berlinense eram constantes e assustadoras. Houve mesmo um dado momento em que os actos e as palavras violentas já traduziam ameaça.

De repente, como nas tragicomédias antigas, a cena mudou-se. A notícia, dada pela Rádio-Moscovo, de que os Estados Unidos haviam feito propostas de aproximação, estoirou qual bomba atómica. Em Londres e Paris foi um espanto; nada se sabia. O povo americano caiu das nuvens.

A guerra de nervos, conduzida num sentido anti-comunista, fora o disco constante, o «slogan» dos últimos tempos. A viragem feita era brusca em demasia para que os «pneus» não rangessem no apertado e vertiginoso da volta.

A reacção atingiu tal ímpeto que houve necessidade de assegurar às consciências, inquietas e torturadas, a garantia de que a política de firmeza americana não se transmudara em contemporizações, mas ùnicamente se procurava encontrar plano para uma mútua compreensão das divergências, dos critérios diferentes e dos diversos pontos de vista.

Mas, pergunta-se agora, ainda haverá dúvidas? As reuniões internacionais, as intransigências de Gromiko e as restantes, não esclareceram já os objectivos de cada parceiro deste jogo arriscado?

Ninguém querer a guerra ou ninguém desejar a responsabilidade de outra guerra, parecem-nos coisas bem diferentes.

O que se faz agora é, de facto, uma tentativa para evitar a guerra, ou será a forma de responsabilizar aquele que provocar um derradeiro malogro?

Porque «gritou» Molotov a notícia, conservada secreta, e inaceitáveis as condições? Porque aceitou, posteriormente, que se voltasse à diplomacia fechada?

É difícil rejeitar que se não desenrole um processo de responsabilidade.

A expectativa, agora, não pode ser benévola, nem contrária, tem de ser, simplesmente, espera da evolução dos acontecimentos.

LUSITANUS

TRIBUNA OPERÁRIA

A CRIAÇÃO DUMA ESCOLA DE CINEMA TORNA-SE UMA NECESSIDADE URGENTE

por J. M. M. MELLO

Lemos, há já bastante tempo, não sabemos ao certo em que jornal ou revista, que se iria formar em Portugal, uma Escola de Cinema.

À primeira vista, parece um assunto sem interesse especial, uma daquelas notícias que se lêem uma vez para nunca mais se lhes ligar qualquer importância.

No entanto a criação de uma escola de cinema foi uma daquelas notícias que não ficam no esquecimento, já pelo muito que significa para a nossa indústria cinematográfica, já pelo que a mesma traria de valorização de uma classe, embora no nosso país pouco numerosa, mas com tendências a aumentar, como a dos profissionais de cinema.

Mesmo ao numeroso público que se serve do cinema como um meio de cultura, de estudo ou simplesmente de recreio e divertimento, tal iniciativa teria forçosamente de agradar, pois que significa uma grande melhoria na qualidade do espectáculo que lhes apresentem, acabando-se de uma vez para sempre de se fazerem «fitas», no género de certas produções que temos visto e que nos causam grande máqua e tristeza por termos de lhes chamar «filmes portugueses».

Para a classe dos profissionais do cinema, tal iniciativa seria óptima pois que os verdadeiros técnicos se veriam desta maneira livres por completo dos intrusos que pululam a seu lado, que nada percebem de uma indústria, onde se necessita de prática, estudo, gosto pelo trabalho, dedicação, por tão árdua profissão.

Apenas entrariam nos estúdios para trabalharem como profissionais as pessoas possuidoras de uma noção exacta do que na realidade é trabalhar para o cinema, todos aqueles que, na sua Escola, tivessem prestado provas absolutas da sua competência para o cargo que tivessem escolhido. E, deste modo, teríamos enfim dignificada, como tanto merece e há muito necessita a cinematografia portuguesa.

* * *

Existe em França, país onde o cinema chegou já à categoria de necessidade e onde é acarinhado pelo público e ajudado grandemente pelo próprio Governo, que o não dispensa, um Instituto dos Altos Estudos Cinematográficos (I. D. H. E. C.), onde os alunos desde o electricista ao realizador, passando por montadores, pintores, desenhadores, operadores de som e de imagem, enfim, todos aqueles cargos técnicos que juntos constituem o próprio cinema, aprendem durante o tempo necessário aquilo para que sentem uma maior vocação ou para que possuem maiores conhecimentos. Os alunos do «I D. H. E. C.» realizam filmes, por onde se vê que se torna absolutamente necessário aliar a teoria à prática. Observam depois, eles próprios, os erros que cometeram e jamais os voltarão a repetir.

Possuem como professores os melhores técnicos cinematográficos franceses que, com a melhor boa vontade, atendendo ao muito que se poderá esperar desses futuros profissionais, se encontram sempre vigilantes ao seu trabalho, prontos para corrigir um defeito apontar um erro, ensinar-lhes, enfim tudo o que se relacione com a técnica cinematográfica.

Como é natural os estúdios franceses procuram no «I D. H. E. C.» os seus profissionais, já com os conhecimentos necessários para que as suas obras saiam perfeitas, realizadas com conhecimentos profundos e não por pseudo-técnicos que apenas estragam aquilo que os bons profissionais conseguem fazer.

* * *

Não sabemos porque razão, tal iniciativa, que brilhantemente foi preconizada pelo cineasta Jorge Brum do Canto, não se realizou, não passou sequer de alguns esboços traçados ràpidamente à mesa dum «café».

No entanto continuamos aguardando a sua realização com aquela calma com que há tanto tempo aguardamos um melhor cinema Português.

Aprendamos economia

Por ABEL VARZIM

A PRODUÇÃO (3)

Produtividade do trabalho — Temos de distinguir produtividade *técnica* e produtividade *económica* do trabalho. Sob o ponto de vista técnico, todo o trabalho é produtivo, porque redunda sempre numa transformação da natureza: a destruição de qualquer coisa, *tècnicamente* é produtiva. Mas já o não é *econòmicamente*. Sob o ponto de vista económico só é produtivo o trabalho que produz mais do que consome.

Com efeito o trabalho só é possível com um certo número de gastos, desde a alimentação, vestuário, etc., do trabalhador, até aos transportes. Só quando a riqueza produzida for maior do que a consumida é que se pode chamar produtivo o trabalho. E quanto maior for a diferença tanto maior será a produtividade do trabalho.

Não falando já das causas mais afastadas da produtividade do trabalho, poderemos fixar que o trabalho é mais ou menos produtivo consoante a sua *duração*, a sua *intensidade* e a sua *qualidade*.

Duração, intensidade e qualidade são portanto as causas imediatas do maior ou menor rendimento do trabalho.

Ligados uns aos outros, estes três elementos influenciam-se mùtuamente.

Assim, para além duma certa duração, o trabalho perde em qualidade e o esforço diminui. Um aumento de esforço ou uma melhor qualidade de trabalho produzem maior rendimento, mas a duração não pode ser igual. Partindo deste princípio, podemos concluir que se pode obter um rendimento máximo de trabalho, combinando uma certa duração com uma determinada qualidade e certo grau de intensidade.

Para obter este máximo de rendimento fizeram-se muitas experiências.

No século passado supôs-se que a duração do trabalho media o seu rendimento, isto é, quanto mais horas se trabalhasse, mais produzia o trabalho. Chegou-se assim a horários de 14 e 16 horas de trabalho diário. No fim do século já se começou a compreender quão errada era esta maneira de ver. Desde então, tem-se procurado encontrar a melhor maneira de obter do trabalho o máximo rendimento e procurado combinar os três elementos (duração, intensidade e qualidade) no sentido de chegar à perfeição.

Foi assim que se reduziram as horas de trabalho (duração), chegando-se ao ponto de as limitar cientificamente; da mesma maneira se procurou criar um bom ambiente de trabalho (cor das paredes, luz, ar, música, etc.) para aumentar a intensidade; e se tem procurado o aperfeiçoamento profissional para melhorar a qualidade, isto é, a competência, a especialização do trabalhador.

Mas como isto é assunto que exige mais desenvolvimento, ficará o resto para outra vez.

* * *

NOTA — Mais uma vez tenho de afirmar, em resposta ao simpático José Claro e a outros amigos, que estou a expor os princípios da economia clássica, pois me parece que só conhecendo-os poderemos fazer-lhe a devida crítica e construir para o futuro em outras bases.

Aliás penso em fazer outro curso sobre doutrinas sociais e aí veremos os reparos que urge fazer.

O «TRABALHADOR» É VENDIDO

— em Torres Vedras
na Gráfica Torreana
— em Albergaria-a-Velha
por Augusto Ferreira Martins Pintalhão
— em Chaves
por Francisco Morais
— em Coruche
por João Evangelista Pereira
— na Covilhã
por António Tarouca
— no Entroncamento
por António Maria Vilar
— no Estoril
na Tabacaria Parque
— em Estremoz
por João Manuel Sardinha
— em Évora
por José Augusto Correia
— em Gouveia
na Tabacaria Central
— na Guarda
por Manuel Vinhas
— em Lagos
por Luís C. Segurado
— em Leiria
por Baltazar Rodrigues e Livraria da Moda
— em Benfica
por Tabacaria Nélita e Tabacaria Laço
— na Boa Hora
por Havaneza
Trav. da Boa Hora à Ajuda, 12

CARTA DE AMIGO

De um operário a outro operário

Sempre detestei a mentira. Em toda a parte causa a desorientação nos espíritos e perturba os ambientes mais seguros na disciplina.

A mentira entrou no Mundo quando levou Eva a desobedecer ao Criador, comendo do «fruto proibido». Escolheu o lado mais fraco da Humanidade para conseguir os seus intentos. É sempre assim. Os incautos são as suas vítimas. Perante os seus sortilégios, só o mais avisado, o mais precavido lhe poderá resistir. Os que da luta com ela saem vencedores, são heróis, mas são também «caça» que ela não larga e persegue sem desânimo. Mesmo que saia derrotada, nunca desiste... está contantemente «alerta» para entrar na primeira «brecha» que a «resistência» lhe proporcionar.

É a mentira que traz o mundo em alvoroço e leva os mais «fracos» quase a não saberem de que lado está a razão.

Há doutrinas e indivíduos que personificam a mentira. Só pela aparência se confundem com a Verdade. Andam connosco, encontrámo-los em toda a parte, não lhes repugna aceitar posições de comando, no governo dos povos, embora a política directiva seja oposta à sua. Não faz mal. Todas as situações lhes servem, todos os partidos aceitam, passando de uns para os outros com o sinal de «convertidos»; todas as teorias defendem consoante a «moda», mas, no fundo, o que os anima é o seu objectivo: perturbar subtilmente, comprometer, envenenar!

Está envenenada a atmosfera internacional.E também, por vezes, no espaço limitado em que nos movemos não encontramos o «ar puro» da lealdade. Sentimos, de quando em vez, um «ar carregado» sem sabermos como foi «provocado». Uma palavra, um comentário é o suficiente, e quando damos conta do que se passa, vemos os tais «fracos» a «hesitar», a «duvidar», a não saberem que «caminho» hão-de tomar, que princípios hão-de aceitar!

Isto passa-se onde quer que nos encontremos e até nas horas de trabalho: nos escritórios, nas repartições e nas oficinas, no passatempo dos cafés. Diz respeito à política e à moral, à apreciação das ideias e das pessoas: — Mata-se a honra com uma palavra, que equivale a um tiro cobarde e vil; desacredita-se uma boa intenção com um sorriso pálido e venenoso; lança-se a dúvida sobre a grandeza de alma e a generosidade de um coração, com uma interrogação no olhar; arrefece-se uma alma crente, com um dito crítico inferior e ignóbil; provoca-se a desorientação na alma, com uma frase a escaldar de sensualismo torpe e canibal; desacredita-se uma política com reticências de aparência ingénua ou «tiros certeiros» de frases soltas, etc. Aonde iríamos na análise do «trabalho de sapa» dos fiéis subditos da mentira?

A semelhança da mentira com a verdade não existe de facto; mas para se infiltrar vale-se do brilho do pirilampo, que não é luz mas tem fosforescências que enganam... Nisto consiste a «ratoeira» onde caem tantos que desprezam a Luz que ilumina a vida toda e se deixam arrastar por fantasias doentias!

Se tu, meu amigo, como eu, te horrorizas com a mentira, não cuides que isso seja suficiente para lhe resistires. Fortalece-te a toda a hora na Verdade, no conhecimento daquilo que é certeza e força a alimentar o espírito.

Lembra-te que o mais forte não está tão seguro que não seja visitado por «instantes de fraqueza», moléstia do corpo e da alma em todos os tempos e latitudes.

A mentira, como já disse e tu bem sabes, faz a confusão nos espíritos, e é nessas «águas turvas» que deita a rede... Serve-se do livro, do espectáculo, — de tudo se serve! É maliciosa e impertinente, não se importa de ser sacudida... voltará depois com outras armas e melhor disfarce!

A mentira procura guarida com especial interesse na imprensa. Se apanha a jeito «alguém com quem se entenda», toma tais atrevimentos, de tal maneira se manifesta e insinua, que poucos lhe resistem, quase todos acatam o seu ponto de vista e dele fazem doutrina.

A rádio, então, presta-se às mil maravilhas para espalhar o veneno, para o levar a toda a parte. Todos nós nos apercebemos que assim é. Para quê comprová-lo?

A mentira tem uma «arte especial» de manejar os factos, de apreciar as pessoas e os acontecimentos e defender princípios. É evidente haver quem se não perturba, quem se segura, e antes de tirar conclusões, pensa! Mas há quem não pense. Não lhes repugna deixarem-se conduzir, fixarem-se na modorra do antipático «não estou para me ralar». Todos os manjares lhes servem e o mais agradável sabor encontram-no precisamente na mentira condimentada a preceito com pretensões a «prato forte». E a vida é, no rodar do tempo, para a grande maioria, a mesma máquina desconsertada pela inconsciência humana...

A mentira produz o mesmo efeito no convívio dos homens que o vento no movimento das águas do mar. Em «ambos os mares» há vagalhões que tudo parecem engulir!...

Que é que observamos perto e longe de nós senão o resultado da mentira?

Naquele «jogo maligno» se gastam inteligências, se esbanjam riquezas que são de todos, tão úteis à solução de problemas sociais urgentes e cansados de esperar!... Mas a mentira é insaciável de vítimas, de tempo e dinheiro!

Por isso aquela imprensa, a rádio e os indivíduos que se dão a usar «a maniveia da mentira» são um perigo. Para se conhecerem basta saber, ver e pensar... Fácil é concluir-se quais são os «ventos que levantam poeiras»!

A vida tem beleza, os homens é que lha roubam, a ofuscam, e deturpam a cada instante, no cometimento de injustiças de toda a ordem feitas atropelo da moral e do direito.

Faze da vida um hino de verdade e alegria, não te deixando nunca cair nas malhas da mentira, que avilta e é prenúncio de inveja e maldade.

Estigmatiza os «mentirosos», os vendidos do erro, «semeadores de ventos que hão-de colher tempestades». Olha à tua roda e observa-os. Encontrá-los-ás em todos os «campos», ainda mesmo naqueles onde menos possível julgavas existirem. Lembra-te que para eles não há barreiras: são como cães a saltarem paredes e a introduzirem-se na «propriedade alheia»...

O mentiroso não tem escrúpulos. Utiliza a língua como espada impiedosa que tudo arraza por onde passa — mais os inocentes do que os culpados.

Defende-te da «doença peçonhenta» da mentira e dos transportadores dela. É tão perigosa como a mais terrível das epidemias.

PAULO DA CRUZ

FORUM ABEL VARZIM DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE © Todos os direitos reservados

APRENDER A SABER

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Continuamos hoje a publicação das quadras mais interessantes que nos foram enviadas para o concurso por nós organizado.

Temos que servir o «menu» por doses, pois é limitada a capacidade das colunas que nos estão reservadas.

Maria da Terra — uma das «antigas», ou seja, uma das que se interessava pela secção dirigida por LEO, enviou a seguinte quadra:

É pequena a minha casa?
Entra e verás, meu amigo.
Que possui de Deus a graça,
E serás bem recebido.

Manuel Luso — As suas quadras são, (como direi?), bastante «fogo de vista». Falta-lhes interioridade. A terceira que envia seria excelente se ficasse no terceiro verso:

Este lar, é um ninho d'amor
Abençoado pelo Senhor;
Vem aquecer teu coração,
Se vens com o teu amor de irmão...

O último verso é muito frouxo:

Para o concurso, aproveito o terceto seguinte:

Entra e diz:
— Entrei no céu,
E de chapéu!

O meu amigo podia completar assim:

Sejas feliz!

Pinto — Aproveito para apreciação final, a quadra que o meu amigo destina «à parede da sala de jantar»:

A minha casa de operário
Lembra-me a cela dum frade.
Por fora — a luta, o calvário,
Por dentro — a Paz e Saudade...

De *Alex. Ranita*, o leitor mais assíduo da secção:

Entra! Deus seja contigo
Nesta casinha modesta,
Puseste-me a alma em festa,
Bendito sejas amigo.

Responda se sabe . . .

(... e se não souber leia um dos próximos números)

1) Que são substantivos epicenos?
2) Que diferenças haverá entre os mosteiros da Batalha e de Alcobaça, no seu aspecto arquitectónico?
3) Que significa a palavra *veto* e quem o pode exercer entre nós?
4) Que quer dizer «pena suspensa», que às vezes os tribunais aplicam?
5) Um leitor, aflito, pergunta-nos se há alguma lei que proíba o casamento dele com a irmã da viúva.

Há algum leitor, sabido em leis, que lhe possa responder?

Respostas ao n.º 17

1) O animal mais temido pelo elefante é o musaranho (uma espécie de rato), porque lhe pode entrar pela tromba e ir directamente ao cérebro. Quando se deita, o elefante enrosca sempre a tromba e mais a enrosca quando dorme, para evitar visitas importunas dos ratinhos.

Segundo Alex. Ranita, há outra explicação que transcrevo:

«O maior inimigo do elefante é uma espécie de pulga que os ataca, introduzindo-se-lhe na «tromba», sem que os pobres animais se possam defender. Os elefantes procuram imediatamente a água, enchendo a tromba e ejaculando-a, depois, com força, para assim expulsarem o seu inimigo.

E não fôra o conhecimento que tenho desta versão, diria que o maior inimigo do elefante era o homem, pela ambição do almejado marfim».

2) O que é o quartzo e para que serve?

O quartzo é simplesmente sílica cristalizada, cuja maior aplicação é no fabrico de vidros e esmaltes.

Algumas das variedades, como o quartzo ametista, o falso topázio, as ágatas, etc., são empregadas na joalharia ou na construção dos objectos artísticos.

A galena é o mais importante minério de chumbo.

3) A diferença entre um mineral cristalino e um amorfo está em que quando a matéria passa ao estado sólido, as partículas tendem a dispor-se de modo mais estável, procurando certa ordem e harmonia em sua distribuição.

Pode haver circunstâncias que perturbam essa organização metódica, dispondo-se então, desordenadamente, as moléculas.

No estado cristalino, os minerais adquirem forma geométrica em relação com a sua estrutura íntima.

4) Chama-se dureza de um mineral a maior ou menor resistência que oferece ao ser riscado. De dois corpos será mais duro o que riscar o outro. Gradua-se a resistência que opõem os minerais a ser riscados, comparando-a com a que oferecem dez formam a chamada escala dos *Nohs*, outros, considerados como tipos e que

São eles, por ordem crescente de dureza:

Talco e selenite (riscáveis pela nuba); calcite e fluorite (riscáveis pelo canivete); apatite e ortóclase (riscáveis pelo aço bem temperado): quartzo, hiolino, topázio, corindon hiolino e diamante. O diamante só por outro diamante é cortado, segundo o adágio inglês *Diamond cuts diamond*.

5) É possível cortar vidro com uma tesoura, operando debaixo de água, com o vidro e a tesoura totalmente mergulhados.

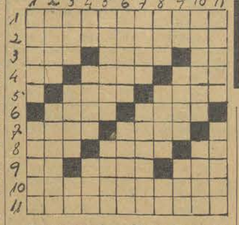
Não é preciso fundi-lo a mil graus. Para moldá-lo, basta aquecê-lo numa chama.

Nunca fizemos a esperiência, mas cremos que basta o bico de Bunsen para fundir vidro.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 19

(Enviado por «Aileda»)



Horizontais: 1 — O que nasceu antes dos outros. 2 — Que se alimenta de raízes. 3 — Túmulo vazio que se levanta em ocasião de exéquias; Cinchos; Aquelas. 4 — Afinal; Ligeirezas; Nome masculino. 5 — Antepassados; Plantas oxalídeas do Brasil. 6 — Insígnias militares da Ordem de S. Miguel; Após. 7 — Relativo à mulher velha; Declamem. 8 — Nome da mãe de dois gémeos que foram lançados na água do rio Tibre, um dos quais segundo a tradição, deu o nome à cidade de Roma; Joeiras; Senhor (abrv.). 9 — Prefixo de origem árabe que entrou na formação de algumas palavras portuguesas; Ave aquática do Brasil; Decorre constantemente. 10 — Fortificariam. 11 — Remuneraria.

Verticais: 1 — Prensa; Caloiro. 2 — Estirpe; Desejas ardentemente. 3 — Série; Encorpora; Artigo definido plural. 4 — Pronome pessoal; Obrigação de pagar uma letra contraída por terceiro; Ultima rainha inglesa representante dos Stuarts e que precedeu Jorge I. 5 — Fins; Determinado por lei. 6 — Negocias; Excelente. 7 — Eternidades; Fio grosso. 8 — Medidas marítimas; Rezes; Escarnece. 9 — Correr; Levantar; Exemplar de uma letra ou documento comercial. 10 — Guiavas bem; Convir. 11 — A vida (pl.); Língua da Birmânia.

Solução do problema n.º 17

Horizontais: 1 — Ecfrático. 2 — Aunar. 3 — Cá; AGL; ut. 4 — Imã; cio. 5 — Negrinhas. 6 — Eia; art. 7 — Sã; vir; ai. 8 — Pádua. 9 — Atalaiado.

Verticais: 1 — Eucinésia. 2 — Ameia. 3 — Fá; agá; Pã. 4 — Rua; val. 5 — Anquicida. 6 — Tal; rui. 7 — Ir; chã; aa. 8 — Miara. 9 — Octóstilo.

Se quer sorrir . . .

Uma senhora pediu certa vez a Einstein que lhe explicasse «em poucas palavras» a teoria da relatividade, e o cientista assim respondeu:

— Um dia, minha senhora, eu passeava no campo com um amigo cego: fazia muito calor, e eu disse que gostaria de beber um copo de leite.

— Leite? — perguntou o meu companheiro — Sei o que é beber, mas leite que significa?

— É um líquido branco, — respondi.

— Líquido conheço eu, disse o cego. Mas branco que é?

— É a cor das penas de um ganso.

— Penas sei eu o que são. — Mas ganso que é?

— Ganso!? É uma ave com o pescoço torto...

— Pescoço eu conheço. — Mas torto que é?

Foi aí que perdi a paciência. Segurei o braço dele, colocando-o direito, explicando-lhe: — Isto é reto. Depois, curvando o cotovelo, acrescentei: — Agora está torto.

— Ah? exclamou o cego. — Então já sei o que é leite...

* * *

O sogro de Paulina tem 80 anos e vive tão inconsciente da sua idade, como se tivesse apenas vinte. Um dia entrou em casa todo molhado e enlameado dos joelhos para baixo, e explicou:

— Eu queria atravessar o ribeiro para dar uma espreitadela à vaca.

— ?

— Antigamente eu pulava o riacho sem dificuldade, mas, agora, sempre que tento saltar, caio no meio.

— ?

— O diabo do riacho alargou, e eu não tinha percebido...

Correspondência

«Alex. Ranita» — Li e reli o seu «desabafo». Infelizmente o meu amigo tem razão em tudo quanto escreve. Quem me dera que não tivesse razão!

«Lélita» — Não se preocupe com o espaço que ao seu nome seja reservado e continue a escrever e a responder às perguntas que formulamos.

Pode, se tiver tempo, enviar-nos perguntas, curiosidades, passatempos, problemas.

Aileda — Solucionista habitual das palavras cruzadas. É não só solucionista como totalista.

O livro de onde tirou a opinião de Lightfoot queime-o imediatamente; e bastará para justificar e até mesmo impor esse auto-de-fé o facto de ser o maior acervo de dislates que conhecemos sobre a Bíblia.

Veja que nem citamos o livro para que nenhum leitor caia na asneira de o comprar.

Num jornal com responsabilidades ninguém quis fazer-lhe a crítica.

Creio que nem o diabo o quereria para atear o brazeiro...

Digo-lhe isto com sincera mágoa por ter gasto inutilmente dinheiro.

Outro assunto: Não escreva a vermelho. Dá cabo da vista.

Das perguntas que nos manda, a que poderia ter maior interesse é a que diz respeito à «Ilíada». A resposta poderia bastar para uma pessoa sem grandes preocupações culturais. Mas, mesmo assim, é incompleta e com datas erradas à luz das modernas investigações dos humanistas.

Zurara era um pavão e um plagiador.

Alex. Ranita — A sua proposta é interessante, e brevemente lhe darei

Parece-me, no entanto, que seria mais curioso suprimir a numeração: dificultava a era mais original. Diga-me se concorda. Quanto ao problema n.º 11, aquarde o desfecho. Desde já, porém, lhe posso dizer, que a menos que surja qualquer problema com menos quadrículas que o seu, será, o meu amigo, o vencedor.

«Luís do Campo» põe à disposição do leitor a quem interessam, os dois livros «El joven observadora» e «El joven y Cristo». Os livros são novos e custam à volta de 16$00 os dois. (Depende do câmbio). Interessam-lhe?

Aileda — O meu amigo interpretou mal o que eu lhe disse a respeito do uso ou abuso da tinta vermelha. Com toda a sinceridade lhe declaro que não considerei esse uso como incorrecção; apenas o denunciei por necessidade de poupar os meus olhos e os dos tipógrafos, que podem rejeitar os originais escritos a vermelho.

Aileda — O meu amigo está com sorte, pois um leitor de bom grado lhe cede um exemplar do livro «O Mundo na mão», pelo preço de 20$00.

Convenm-lhe? Aguardo a sua resposta.

«Luís do Campo» — Pode mandar os dois livros para minha casa, que oportunamente lhe enviarei a quantia correspondente.

Não fui capaz de decifrar o seu nome.

J. Gaspar» — Pode mandar, à-vontade, a quantia indicada e, se quiser, arredonde *a conta*, para o caso de ser preciso para os portes de correio.

Oportunamente lhe prestarei contas exactas.

P. M. M. Pinheiro — Nenhuma interferência temos no programa da manhã da Emissora, pelo que podemos incluir «os rapazes da manhã» no número dos nossos leitores.

É pena que «eles» não possam dizer a que fonte foram buscar o tal programa a que o meu amigo se refere.

Obrigado pela atenção.

Alex. Ranita — Deixe-me acabar este concurso, para começar o que propõe.

Maria da Terra — Porque não tenta decifrar as palavras cruzadas mesmo sem dicionário? Julgo que são fáceis.

E não terá possibilidade de adquirir um?

———

Toda a correspondência deve ser dirigida para César Afonso — Calçada dos Barbadinhos, 30-1.º — Lisboa.

DE TODOS OS DESPORTOS

(Continuação da 3.ª página)

Vieram os *basquetebolistas* de Espanha, e os *voleibolistas* de França. Vai o *andebol* a Paris; o *atletismo* desloca-se a Espanha, com retribuição de visita; prepara-se a *esgrima* para o 2.º Portugal-Espanha — e estão entre nós cavaleiros franceses e espanhois, em luta nobre e emocionante com os categorizados especialistas portugueses.

E terminou há dias, no Stand de Goulão, ali no Estoril, o Campeonato do Mundo de Tiro aos Pombos — ao qual, além dos atiradores portugueses, concorreram italianos, argentinos, franceses, belgas, brasileiros, inglêses, espanhois e americanos!

Os italianos foram os grandes vencedores da competição, mas os atiradores lusitanos, longe de ficarem diminuídos, obtiveram a muito honrosa classificação do segundo lugar — à frente portanto da maioria das equipas concorrentes.

É, é — «os portugueses, quando não valem mais, valem tanto como os outros».

O que se torna preciso é experimentar — e insistir!

Vária

Tem prosseguido a disputa do Campeonato de Lisboa de Oquei em patins, verificando-se resultados normais. O Paço de Arcos, com um jogo apenas, parece à altura de defender o título; enquanto o Oeiras se afirma equipa valorosa, e o Benfica ganha, aos poucos, a confiança dos seus adeptos.

— Para o Campeonato de Lisboa de Oquei em Campo, Futebol Benfica e Atlético empataram por 0-0 em primeiras, registando-se a vitória dos «encarnados e pretos» em reservas por 6-0. No outro desafio, o Benfica derrotou o Oquei Clube de Portugal por 6-0.

— Império dos Santos, do Benfica, venceu brilhantemente a «Prova Associação» — reservada a ciclistas independentes.

— Com tempo invernoso, disputou-se no domingo a primeira prova do rio, da época.

O júnior José Figueiredo, do Estoril Praia, foi o vencedor, gastando nos 500 metros do percurso, 6 m., 18 s., 8/10.

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO MOVIMENTO DESPORTIVO

O desporto, tão antigo como o mundo, como ideia, só nos fins do século XIX nasceu como palavra e se revelou como elemento novo na actividade social da humanidade.

A ideia desportiva poderia, no passado, vislumbrar-se nas manifestações colectivas populares, nomeadamente religiosas e festivas, mas só na aurora do século XX ela surge nítida e avassaladora, dominando, já veremos como, todos os sectores sociais. Na sua génese o desporto não é mais do que exercício nacional do indivíduo, encarado como evasão ou como reacção ao abuso da máquina. Posteriormente, tomou também o aspecto de competição levada ao último extremo, ao próprio fanatismo como se duma religião se tratasse. Outra fase da evolução da ideia desportiva é a sua conversão ou confusão com espectáculo, a ponto de hoje não se saber quem são os desportistas se os que jogam, por exemplo, o futebol, se os que assistem. Hoje a maioria das agremiações desportivas vive do fanatismo, da admiração incondicional pelos seus representantes, como se isso bastasse ao revigoramento do indivíduo.

Reacção contra o abuso da máquina, diziamos nós. No fundo, o incremento que o desporto alcançou é toda a história do mundo do trabalho lançado na conquista de distracções e de melhores condições de existência. De tal maneira se mecanizara a vida, com a burocratização de todas as actividades, que o indivíduo metido no meio dessa engrenagem infernal, se automatizava também, acabando por perder totalmente as forças para reagir e libertar-se do círculo fechado e trepidante das suas preocupações quotidianas.

Com a criação da grande indústria, o operário teve de render-se às exigências cada vez mais prementes da produção em série.

A complicação dos transportes canalizou as multidões para atracções sem valor nem finalidade educativa de espécie alguma: os cinemas, os bares, os cafés, os dancings, e as tabernas proliferaram cada vez mais; e a comodidade e as distracções que ofereciam fizeram perder, gradualmente, de vista os benefícios do contacto com a natureza.

O que socialmente representava esse alheamento da vida livre e sádia do campo, está patente nos flagelos que desabaram, sobre todas as nações.

A prostituição, a sífilis, a tuberculose, o alcoolismo são as notas predominantes do quadro negro em que se converteu a vida dos operários nas cidades ou nos grandes centros industriais.

A reacção caracterizou-se por certo saudosismo dos que sonhavam com um trabalho simples, despreocupado, feito à mão, num ambiente de verdura e beleza, sem outras máquinas senão as rústicas e primitivas que a água ou o vento accionam.

É essa reacção que marca a origem das primeiras tendências naturistas que atiraram para fora das cidades, de sacola às costas, e uma canção nos lábios, os primeiros campistas. Foram estes, com o seu gosto pelas noites dormidas sob as estrelas, ou ao luar, que renovaram o panorama das distracções dos trabalhadores, abrindo novos horizontes, à sua ânsia de evasão à mecanização do trabalho. Foram os campistas que vieram mostrar o caminho de distracções mais sãs.

A acção dos campistas desportivos não tardou a ter influência determinante em graves problemas sociais, a começar, por exemplo, pelo urbanismo. A atracção dos naturistas pelos espaços livres do campo e das matas, longe das cidades sem ar e sem verdura, orientou as novas escolas de arquitectos para a tendência de reintroduzir a natureza, a sua luz e suas cores nas cidades.

É pensando democràticamente nos pulmões de uma população e nas brincadeiras dos seus garotos que as municipalidades de hoje criam um jardim público, que os poderes públicos projectam a arborização em torno das cidades, pela plantação de extensos parques florestais, e que os arquitectos traçam os seus planos de urbanização tendo em atenção as clareiras verdejantes dos jardins. O prazer de banhar na luz forte do sol fará construir «casas de vidro», e o emprego das cores vivas nas fachadas já é muito frequente. Verdade seja que neste domínio se conhecem mais planos no papel do que realizações efectivas, mas a ideia está lançada, e já é muito.

Concluindo: O Desporto é uma grande conquista do povo e dos trabalhadores, que lhe devem, na maior parte, a mais sã das suas distracções. É vital para os seus filhos, aos quais de maneira nenhuma pode bastar a atmosfera viciada das cidades.

Mas é necessário distinguir entre os que se dizem desportistas porque vão assistir a um desafio de futebol e os que o são de verdade.

FORUM ARTIVISTA
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE
Todos os direitos reservados

Página do LAR

SIMPLES E PRÁTICO...

Escovas

Para dar vida nova a escovas de fato, de cabelo de dentes ou outras, cujos pelos perderam a elasticidade e dureza, dissolve-se um pouco de pó de alumen em água a ferver, lavam-se as escovas como de costume e em seguida colocando-se de pelo para baixo na solução de alumen.

Deixam-se de molho umas três horas. Retiram-se em seguida, sacodem-se e deixam-se secar ao ar.

As escovas parecerão como novas.

Veludo

Nunca deite fora bocaditos velhos de veludo ou camurcine. Por exemplo pode colar uns bocaditos no interior dos sapatos do seu pequenito. Assim o pézinho dele não escorrega dentro do capato e não rompe tanto as meias.

Pode também forrar os cantos dos seus utensílios de limpeza com bocados de veludo, de modo a não ser possível riscar com eles os móveis.

Pode ainda fazer-se uma ou mais pequenas bolas de pano forradas de pedaços de veludo para fazer pulidores práticos com que lustrar os móveis depois de limpos.

Meias rotas

Meias tão rotas que se não podem coser mais ainda têm muita serventia. Pena faz encontrá-las, por vezes, desprezadas nalgum caixote do lixo ou caídas pelas ruas.

Pedaços de meia cortados ao tamanho que convém podem servir, por exemplo, de «joelheiras» para pôr por cima das outras meias, quando se anda de joelhos no chão.

Estando bem lavadas podem ainda servir para encher uma almofada. Cortam-se-lhe fora os pés e os topos e desfiam-se depois todas. Deste modo a almofada fica tão fofa como se fora de sumaúma.

Não vale a pena lembrar que meias velhas se aproveitam também para palmilhar as novas, afim de estas durarem mais, — pois não?

Toalhas velhas

De toalhas já muito velhas pode-se fazer uma espécie de luvas de saco, só com polegar, como são as luvas de bébé. Estas luvas de toalha podem servir os fins mais variados: Por exemplo, com a toalha calçada na mão lava-se muito mais ràpidamente o lavatório.

Ou então com as duas mãos calçadas de toalha esfrega-se e seca-se muito mais ràpidamente e melhor o cabelo que acabou de ser lavado.

Água de cozer ovos

A água em que se coseram ovos tem ainda muita serventia. Nunca deverá ser desperdiçada.

Por exemplo as nódoas que o ovo deixa nos talheres podem ser limpas com facilidade nesta água.

Quem tenha um quintalzito, também lhe convém saber que a água em que foram cozidos os ovos destrói as ervas daninhas tão bem como qualquer preparado químico que se compre na drogaria.

MAIO FLORIDO

Não é por acaso que, há dois números para cá vimos tecendo os louvores da mulher. É que estamos em Maio, mês em que verdejam as searas, em que os campos se cobrem de flores, em que a natureza festeja em todas as cores e tons as suas núpcias e o homem aguarda «que do céu caia o orvalho e que a terra dê o seu fruto».

É que os antigos festejavam em Maio ao mesmo tempo a pujança da primavera e as glórias da mulher, simbolizando assim a primavera na mulher e a mulher na primavera.

Conheciam é deste modo davam a conhecer o mistério da mulher santa, que é reduto de pureza e fonte de fecundidade — como virgem, como esposa e como mãe.

Na primavera a natureza celebra as suas bodas floridas, apresentando-se todos os anos pura e sem mácula diante do Criador, para que do seu seio fecundo Ele faça brotar o fruto.

E então em Maio se festejava pelos campos e pelas aldeias o mistério fecundo da primavera e a sua beleza, no dia marcado pela tradição, que era em muitos sítios a quinta-feira de Ascensão.

Uma rapariga, a mais bonita das redondezas pela candura do olhar, pela harmonia das suas feições e pelo viço da sua mocidade era escolhida, engalanada e depois coroada pelo seu «conversado», se assim mandasse o costume da terra, e também nalguns sítios sentada num trono de flores. Representava assim, pelo viço e pureza da sua juventude, a primavera com todas as suas promessas: distribuia flores pelas outras raparigas e pelos rapazes que lhe vinham prestar homenagem e depois havia danças e folguedos.

Era uma festa cheia de alegria moça — a festa da rapaziada e mais das raparigas, a que os pais assistiam apenas, lembrando os tempos antigos e meditando o sentido profundo daqueles costumes.

Mas na família, em cada família também havia uma festa. Festejava-se em Maio nos lares o amor da mãe que tanto se sacrifica pelos seus, para lhes dar vida, paz e alegria. Era uma festa cheia da doçura das coisas íntimas; festa dos filhos, mas a que o pai se associava, agradecendo à esposa a sua dedicação e amor.

É curioso que neste mês em que a festa é da primavera e da rapariga se honrasse também, no recolhimento da cada lar, a dignidade e o amor da mãe. Pois é verdade que, como mãe, a mulher nunca envelhece é eternamente jovem aos olhos dos filhos, nem que uma nuvem de prata lhe cubra os cabelos, é sempre igual, sempre luz e farol no caminho, consoladora e dadora de alegria — é mãe...

É um facto curioso que muitos poetas e pintores de génio têm cantado e pintado a «Mãe», no sentido simbólico, em todo o esplendor da sua juventude: rapariguinha de olhar puro e terno, uma mulher que ainda abriga nela toda a esperança e frescura da primavera.

Veja-se por exemplo a escultura feita por Miguel Ângelo da Mãe de Jesus com o filho morto nos braços: tão jovem, tão pura, o rosto tão suave no meio daquele sofrimento, que parece coberto de ténue véu...

É porque o artista não ousava conceber aquela mãe senão como a Virgem e por isso a mostrava aos olhos de todos como rapariguinha?

Não era só por isso. O artista atingia naquela imagem uma realidade mais funda, a de que a Mãe não envelhece; para os seus é sempre a mesma, sempre igual aos olhos deles, sempre dadora e renovadora de vida:

Maio é o mês dedicado à primavera e à mulher. Maio é também consagrado em especial à devoção de Nossa Senhora. Nossa Senhora nosso modelo e guia é «virgem sempre pura e Mãe imaculada» — medianeira de todas as alegrias, esperança e doçura nossa.

Parece que ficava bem reunirem-se neste mês as três festas, a da Nossa Senhora, a da primavera e a da mulher — porque iluminadas pela festa de Nossa Senhora as outras duas tomam, por certo, novo e mais belo sentido.

NOÇÕES de puericultura

HIGIENE DA CRIANÇA

Todos nós estamos sempre rodeados duma infinidade de germes nocivos para a saúde, no ar, nos alimentos, na água que bebemos, mas os nossos organismos estão mais ou menos protegidos para resistir aos ataques destes germes. Se a nossa resistência é suficiente mantemos a nossa saúde, mas se os germes conseguem vencer essa resistência então adoecemos.

O ar fresco e puro, sol em abundância e cuidada limpeza, são os nossos melhores defensores na constante luta contra as doenças, pois, estas aparecem, se deseuvolvem e propagam, com a falta de limpeza e de luz.

As crianças têm menos força do que os adultos para resistir a estes ataques e por isso mister é rodeá-las das maiores precauções, do máximo asseio para protegê-las contra os germes daninhos e contra as doenças que aqueles originam. É preciso observar a mais escrupulosa higiene. O banho diário da criança deve ser completo, a sua roupa de vestir deve-se mudar com frequência e a da cama deve ser arejada todas as manhãs. É da maior importância uma cuidadosa limpeza da namadeira, das suas borrachas e de todos os utensílios empregados na preparação do alimento da criança se esta tem alimentação artificial. A mãe nunca deve esquecer que a falta de limpeza do biberon é a causa de inúmeras enfermidades.

Limpeza, mais limpeza e sempre mais limpeza deve ser o lema de toda a pessoa que se ocupa do bébé e da alimentação das crianças.

O ar puro é vida. Não deve faltar à criança.

Ainda que a criança receba um bom alimento e em quantidade, é indispensável que disfrute abundante ar fresco e puro e para este efeito deve permanecer ao ar livre ou em quartos bem ventilados todo o tempo que a prudência o indique.

Os quartos acanhados escassos de ar e de luz são nocivos à sua saúde. Um quarto sem ventilação só tem oxigénio para uma pessoa crescida durante meia hora e sem dúvida quantas vezes vemos um adulto e um bébé dormir toda a noite em habitações pequenas e quartos sem ventilação. Não é de estranhar que a criança tenha aparência triste e inquieta e pareça doentinha.

Se nos fosse possível ver a enorme e infinita quantidade de germes prejudiciais que se desenvolvem nesses quartos faltos de ar e luz, imediatamente compreenderíamos a importância que tem para nós todos o ar e o Sol. Não vemos nós como as plantas e os animais procuram o ar puro e o Sol? Porque não havemos igualmente de gozar dos seus benefícios?

Não se deve desperdiçar uma só oportunidade propícia para levar a criança a passear aonde o ar seja fresco e puro, desde muito pequenina, desde as três semanas ou o mês.

Até que seja necessário reter o bébé dentro do quarto, tenha-se sempre as janelas bem abertas não devendo a mãe esquecer que a criança requer o melhor quarto da casa e aquele que não esteja exposto a calor demasiado ou frio, e um quarto que não dê para sítio de onde possam vir maus cheiros.

TRABALHOS

«Gostava de saber bordar um tapete pequeno daqueles peludos para o nosso quarto. Tenho uns restitos de lãs de várias cores e estas, combinadas entre si, talvez dessem obra bonita. Mas não sei o ponto. Poderá ensinar-me?»

1.ª fase

Assim nos diziam há tempos.

Aqui satisfazemos o desejo da leitora e talvez doutras leitoras ainda.

Se a lã for grossa pode usá-la singela, se não dobre-a de modo a ficar um trabalho fofo. O melhor é bordar sobre sarapilheira grossa sequindo o desenho dos fios.

Os cardadeiros pontos dos tapetes de Smirna (de pelo) eram feitos com uma espécie de aquilha de crochet; mas com aquilha de lã é mais fácil para quem não está acostumada àquele género de trabalhos. Reproduzimos em seguida a adaptação do ponto de Smirna feito com aquilha de lã grossa. Este é mais fácil que o ponto chamado Persa.

2.ª fase

Completadas duas ou três carreiras deste ponto, cortam-se as laçadas de quase dois cm. de alto, aproximadamente, com uma tesoura. As carreiras devem estar muito próximo umas das outras para que o trabalho fique bonito. Pode seguir-se qualquer desenho geométrico para a combinação das cores.

Resultado

É verdade...

Sabe que mastigar comida dura faz bem aos dentes?

Realmente quem comesse só comida macia, só papas, miolo de pão, carne picada, etc., acabava por ficar com os dentes a abanar e a cariar *por falta de exercício*.

Os suecos têm dentes magníficos, ao que dizem, porque desde muito pequeninos mastigam um pão muito duro de centeio que é comido passados dois dias ou mais de ser cosido. É tão duro esse pão que uma fatia leva muitos minutos a mastigar.

Então o exercício das gengivas que tal mastigação provoca enrija-as e faz com que cresçam com aqueles dentes fortes e brancos que tanto lhes admiramos.

OS DIAS DA SEMANA

DEFINE-OS ASSIM O POVO DA BEIRA-BAIXA EM SEUS CANTARES:

Os dias da semana
Já tos vou a distinguir
Com palavras excelentes,
Escuta, amor, se queres ouvir.

Segunda-feira é água clara
Onde navega a cortiça.
Meu amor, se me queres ver,
Vem no domingo à missa.

Terça-feira é das donzelas,
Eu também donzela sou.
Meu amor, se me estás chamando,
Vai andando que eu já lá vou.

Quarta-feira é da honra,
Menina que honra tem,
Se a guardar para mim,
Deverei de lhe querer bem.

Quinta-feira, *soidades!*
Eu com *soidades* vivo.
Soidades encobertas
Por ti as tenho sentido.

Sexta-feira, alecrim verde
Em todo o ano dá flor.
Também vós, minha menina,
Handes ser o meu amor.

Sábado vou ao trevo
Que anda rentinho c'o chão,
Também vós, minha menina,
Andais no meu coração.

(Do livro «Etnografia da Beira») *(Escalos de Baixo)*

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«O TRABALHADOR» É VENDIDO EM:

— Alenquer, por *D. Cacilda Granada*
— Amadora, por *Joaquim Catarino*
— Azambuja, por *António Fernando*
— Barreiro, na *Tabacaria Internacional*
— Braço de Prata, por *José J. Capucho*
— Cacém, por *Alfredo da Cruz*
— Cacilhas, por *Domingos Ferreira Matoso*
— Carcavelos, por *Carlos Augusto de Oliveira*
— Carregado, por *A. Violante*
— Carregal do Sal, por *António J. Fernandes, Filho*
— Cascais, por *Duarte & Messias*
— Castelo Branco, por *José Vidal Sestay*
— Costendo, por *António Martins Araújo*

S. O. S.

Ai! minha senhora, olhe que assim não consegue levar o seu marido!

Mais vale falar-lhe com doçura, mais vale suportá-lo com paciência, mais vale esperar outra ocasião...

Mas olhe que, com ralhos e zangas, não faz vida!

O TRABALHADOR
NO MUNDO DO TRABALHO

A FORD-LUSITANA

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA

PARTE INTEGRANTE DE UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO MUNDIAL

Poucas pessoas, decerto, entre os milhares que todos os dias passam por aquele bem conhecido edifício da «Ford Lusitana», na Rua Castilho, terão pensado por uns momentos de que, ali dentro, dezenas e dezenas de trabalhadores dão o seu esforço por uma Organização hoje mundial.

Raros ainda se recordarão de quanta inteligência e iniciativa há por detrás daquela casa, desde o dia já longínquo de 1875, em que um menino de doze anos, chamado Henry Ford, e filho de um fazendeiro do Michigan, viu pela primeira vez um veículo a motor...

«O Trabalhador», habituado a interessar-se pelo trabalho e pelos que trabalham, não se limitou a olhar o edifício e a lembrar-se de quanto ele representa. Entrou, viu, perguntou, e responderam-lhe.

A casa da Rua Castilho, em Lisboa, constitui o ponto central de uma vasta organização de 29 agentes Ford em todo o País. Alguns destes, nas suas terras, além de darem assistência aos modelos destas fábricas, e venderem os seus produtos — automóveis, camiões, tractores, «fourgonettes», e respectivas peças e acessórios — fazem reparações noutras marcas de carros. Aqui, na sede, só se dá assistência aos modelos «Ford», e já chega para não haver mãos a medir.

Neste grande prédio, moderno e com boas condições de trabalho, há duas grandes divisões: uma secção de vendas, a grosso e a retalho, e uma de assistência subdividida nas de carros novos onde se afinam os carros vindos da Alfândega e na de serviço, onde se limpam, reparam e afinam os carros dos clientes.

Durante uma visita às instalações, dois amáveis chefes de secção, vão-nos dando todas as informações sobre o que desejamos saber. E as nossas perguntas dirigem-se sobretudo para as questões referentes ao pessoal.

A Organização Ford, que emprega 1.600 operários em todo o território continental, tem na sede em Lisboa 300 homens de diversos ramos profissionais ocupados com os carros, ou em atender os clientes, num ambiente de camaradagem, higiene e alto nível profissional. Um dos grandes interesses desta oficina é que ela pode ser definida como uma escola de mecânicos. O operário entra para aqui e é-lhe perguntado quanto está a ganhar e quanto quer ganhar. Se satisfaz, o ordenado é-lhe mantido, e vai entrar dentro da linha geral de orientação da Companhia. «Nenhum salário é demasiado alto, se o operário o ganhar» dizem Henry Ford e Henry Ford — o avô, que criou a vasta rede conhecida em todo o mundo, e o neto, que continua a desenvolver condignamente a herança recebida. Os operários assalariados estão agrupados em três categorias, A, B e C, independentes do serviço que fazem e referentes ao rendimento dado. Dentro de cada categoria há ainda três subdivisões, também dependentes do mesmo factor: rendimento. Assim na A, os salários são os seguintes: 16$00, 14$00 e 12$00 por hora; na B: 11$00, 10$00 e 9$00; na C: 8$00, 7$00 e 6$00. Todos estes salários são por hora e a semana de trabalho é a que o pessoal pitorescamente designa por «V-8» — o que, traduzido para os profanos, significa 5 dias de 8 horas de trabalho. O rendimento avalia-se em relação a cada homem pelo tempo levado em cada serviço: numa folha, marca-se a hora de início da tarefa e a hora em que a acabou. Tabelas adaptadas às nossas condições de trabalho indicam o tempo que cada tarefa deve levar a executar e por elas se fazem ideia do rendimento do operário. O trabalhador que satisfez entrou como dissemos dentro da linha da companhia. Isto significa que de tempos a tempos, será proposto para aumento de ordenado desde que o mereça. O chefe da secção nunca deixa de propor estes aumentos para os seus colaboradores a quem verifica que devem ser feitos. E, diga-se, que um homem que esteja muito tempo sem ser proposto não interessa à Companhia, pois isso significa que deixou de se aperfeiçoar. Chegado ao salário máximo da categoria A, deixa na sequência de promoções, de ser assalariado e pode ou não continuar como mecânico. Tem a possibilidade de ir para atendedor de clientes, ou mesmo chegar a chefe de outra secção. (Falámos com alguns que tinham muita alegria em nos afirmar que tinham começado por baixo). Também na província, se abrem constantemente oficinas e frequentemente vêm buscar aqui os bons profissionais para as dirigir. Por isso, está constantemente a entrar pessoal novo que se prepara tão bem que não é exagero afirmar ser esta casa uma autêntica escola de mecânicos. De facto, ali aprende-se. Todo o pessoal, quer o de escritório, quer o de oficinas, faz de vez em quando uns cursos acerca deste ou daquele assunto. Durante eles recebe exactamente a mesma paga que receberia no seu serviço habitual. Vimos uma das óptimas escolas onde os mecânicos aperfeiçoam os seus conhecimentos acerca do automóvel.

Quisemos informar-nos se em Portugal se aplicava também o Fordismo. Como se sabe, uma das celebridades de Ford está no sistema de trabalho instaurado nas suas oficinas. Um pouco de história não nos fará mal. Em 1908 Ford lançava no mercado um modelo único, *standard*. Durante anos, as suas fábricas só produziriam esse modelo.

Durante 18 anos o modelo T, mais conhecido por «Ford de calças arregaçadas», correu as estradas americanas. Qual era a ideia subjacente ao modelo «T»? A ideia... eram duas ideias: obter um máximo de produção e estabelecer o grande negócio de Ford — a venda de peças garantidas combinada com o Serviço Ford, assistência aos carros. De facto, Ford podia organizar tudo nas suas fábricas de maneira a ter a máquina especial para a produção de cada peça, que se garantia serem todas iguais. O comprador sabia que, durante anos, poderia adquirir qualquer peça absolutamente semelhante à partida. Mas a grande descoberta de Henry Ford I foi a linha de montagem. As peças iam passando por diante dos operários, por diante do operário X, sempre a mesma peça Y, e ele apertava sempre a mesma porca, ou colocava-a sempre em determinado lugar.

HENRY FORD II

Esta extrema especialização foi um dos factores que mais revolucionaram a nossa época, pois contribuiu para a produção em massa, a mentalidade mecânica, o aumento de produção e do consumo, e do nível de vida. Essa especialização, porém, nunca foi absoluta pela própria natureza do homem e do negócio.

Dos «unskilled workers» (o trabalhador sem especialização) vieram precisamente os sub-capatazes e os capatazes.

Em princípio, a um aumento de produção ou do desenvolvimento do negócio, corresponde a chamada de trabalhadores sem profissão especifica que uma vez sujeitos durante tanto tempo quanto o julgado necessário a um trabalho determinado por exemplo, o aperto da porca *X*, davam lugar a outros *unskilled workers*, e iam apertar a porca *Z* de mais complexo ajuste.E de duas uma: ou fazia o seu trabalho com perfeição e encontrava o caminho para a promoção e continuaria a mudar de trabalho específico desde, evidentemente, que satisfizesse as mínimas condições do serviço de que estava incumbido ou, se assim não sucedesse teria que abandonar a fábrica, pois na Ford Motor C.º o destino do empregado é subir ou manter-se.

Em Portugal, não se tratando de uma fábrica, mas de uma oficina aplicam-se apenas os princípios de divisão do trabalho, assentes na ideia de «operário próprio com a ferramenta apropriada». Pratica-se a mudança de serviço de tempos a tempos para melhor completar o treino do pessoal.

Uma inegável preocupação se verifica por toda a parte: a de dar as melhores condições de trabalho ao pessoal — boas instalações, ferramental completo, sistematização das operações necessárias, procurando-se sempre diminuir o esforço do operário. Vimos uma «sequência de trabalho» para recondicionamento de motores, que é um modelo de boa técnica laborista — o aproveitamento dos princípios da linha de montagem às condições peculiares dum pequeno serviço. Lavabos, vestiários, tudo isto é simplesmente óptimo.

O ambiente de camaradagem entre chefes e simples trabalhadores, pessoal de escritório e oficinas, respeito mútuo, amizade, descobre-o o visitante com alegria no fim de pouco tempo. «Desejamos que a disciplina aqui seja uma disciplina compreendida» — dizia-nos o sr. Xavier de Carvalho, amável chefe das oficinas, e assim parece ser.

Na Secção de Vendas ao balcão, departamento do «stock» onde bem arrumadas se encontram as inúmeras peças garantidas para os vários modelos, o mesmo ambiente de boa arrumação. Já não há peças para o modelo «T», mas ainda há ali peças para o modelo «A», que foi o que se sequiu àquele, apesar de há 17 anos ter deixado de fabricar-se.

Também aqui e nos escritórios vigora o mesmo princípio da proposta periódica para aumento de ordenados. Nos escritórios, segue-se o princípio Ford das paredes serem em grande parte envidraçadas. Cada trabalhador deve poder ver todos os outros. Até o escritório de Henry Ford II, na América, é assim. Claro que nem mesmo ele consegue a maravilha de ser visto enquanto trabalha, pelos seus empregados e outras pessoas que se encontrarem na Rua Castilho (em todo o caso, com a televisão, não seremos nós que nos metamos a falar na impossibilidade de isso acontecer) mas está presente na pessoa do sr. Guillermo Nadal, director da Ford Lusitana, cujo gabinete envidraçado tem sempre a porta aberta.

A Ford Lusitana comporta dez secções a saber: Contabilidade, Secção Técnica, Secção Comercial, Secção de Vendas por Grosso, Secção de Vendas a retalho, Publicidade, Crédito, Tráfego e Compras, Oficina e «Stock» (Peças e Acessórios).

A organização contabilística comporta um tipo de escrituração de inventário permanente oferecendo um controle eficaz e peculiar das Companhias Ford em todo o mundo.

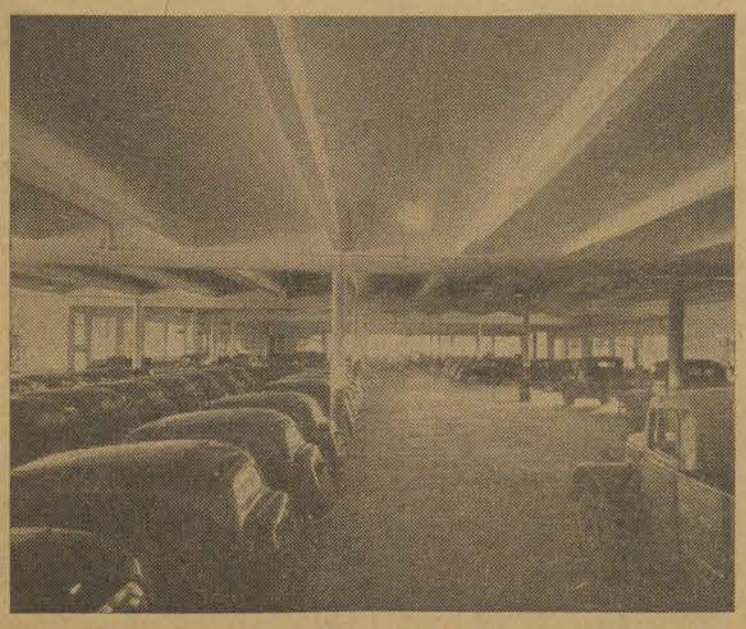
Uma regulamentação inter-companhias seguida com método e disciplina assegura a qualquer empregado da Contabilidade Ford a possibilidade de na Índia, no Canadá, no Egipto ou na Bélgica, poder encarar um dos diferentes trabalhos da contabilidade com a certeza de que lá como cá os princípios serão os mesmos, e isso porque todas as contas são numeradas e a regulamentação classificada num manual de «General Letters».

Henry Ford II está dando grande importância na América às relações com os operários e o seu director de Relações Industriais, Bugas, tem tomado iniciativas de interesse. A primeira consistiu em pedir às uniões de trabalhadores que garantissem a companhia contra as greves não autorizadas por elas, isto é, as greves provocadas por um pequeno grupo de operários, sem o conhecimento das organizações profissionais. Com esta garantia, quere-se, diz Henry Ford II, não só diminuir muito as greves, o que de facto se conseguiu, mas também dar consciência de responsabilidade ao trabalho.

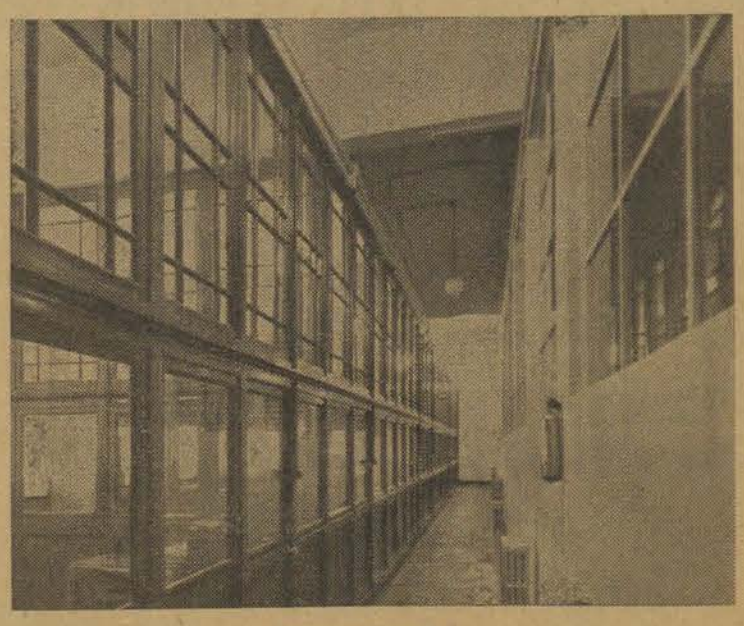
Outra iniciativa teve por objectivo levar os operários a colaborarem, com sugestões, mais intimamente na empresa, e está dentro da mesma linha de lhes dar responsabilidade e iniciativa. Henry Ford II tem por vezes escrito algumas cartas e feito questionários, a que os seus operários têm respondido. Em Portugal, também, a opinião do pessoal é por vezes solicitada sobre pontos concretos.

Bugas confessa-se alegre com os resultados e afirma a intenção de explorar as grandes possibilidades que há no campo das Relações Industriais.

Desde o dia já longíquo, de 1875, em que um menino de doze anos viu pela primeira vez um veículo a motor, quantas coisas modificadas no mundo, e como ele foi um dos que muito contribuiram para isso!



CARROS



ESCRITÓRIOS

Três grandes inimigos da classe operária

(Continuação da 4.ª página)

apelo veemente aos mais conscientes e valorosos, ao escol das massas trabalhadoras: Sois responsáveis pelo vosso futuro e dos vossos filhos, até mesmo pelo dos vossos camaradas e dos seus filhos. Sabei corresponder a essa responsabilidade. No estudo, na luta pacífica, no auxílio aos menos protegidos, na congregação dos esforços, na camaradagem sincera e esclarecida, longe das intrigas, dos interesses mesquinhos e prejudiciais, sem desejos de lisonjas e honrarias, lançai-vos ao trabalho mais urgente da hora que passa: *A dignificação do homem do trabalho.* *M. A.*